

**MUDANÇA LINGUÍSTICA DA LIBRAS EM RECIFE**

**LEANE PEREIRA CORDEIRO**

Recife-PE

2023

**LEANE PEREIRA CORDEIRO**

**MUDANÇA LINGUÍSTICA DA LIBRAS EM RECIFE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE para a obtenção do título de Mestra em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim

Coorientadora: Profa. Dra. Carolina Silva Resende da Nóbrega

Recife-PE

2023

**LEANE PEREIRA CORDEIRO**

**MUDANÇA LINGUÍSTICA DA LIBRAS EM RECIFE**

Dissertação de mestrado apresentada para obtenção do grau de mestra, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

---

Profa. Dra. Claudia Roberta Tavares Silva

Coordenador de Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem

---

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim

Orientadora

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

---

Profa. Dra. Carolina Silva Resende da Nóbrega

Coorientadora

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

**Banca examinadora:**

---

Prof. Dr. Gláucio Castro Júnior

Examinador externo

Universidade de Brasília - UnB

---

Profa. Dra. Maria Janaína Alencar Sampaio

Examinadora interna

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

## DEDICATÓRIA

Aos meus amigos/colegas da infância participantes desta pesquisa que contribuíram com dados valiosos.

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus e Maria pela proteção em todos os momentos da minha vida.

Aos Meus pais que se foram, mas continuam sendo a minha maior inspiração.

A minha filha e ao meu genro, muito obrigada pelo carinho.

Aos meus amados netos por todos esses momentos, especialmente aqueles em que através de sua serenidade tornaram essa jornada mais leve e divertida.

Aos meus irmãos que mesmo na diversidade contribuíram com ensinamentos de respeito e amor.

A toda Família Pereira, Cordeiro e agregados pelo carinho.

Meus sinceros agradecimentos a toda a Comunidade Surda pela possibilidade de descobertas de novos conhecimentos e convivência com todos.

Agradeço a todos os professores e a secretaria de PROGEL.

Aos meus colegas de mestrado pelas trocas e parcerias.

Aos meus intérpretes do NACES da UFRPE.

Externo minha gratidão e admiração a minha orientadora e a coorientadora pelo incentivo, paciência, carinho e atenção durante as orientações desta dissertação, nos momentos de estudos, de pesquisa e de escrita, com vocês cresci e aprendi muito. Obrigada!

Meus agradecimentos à Banca Examinadora.

Meus agradecimentos aos profissionais e colegas da UFRPE, pela amizade e pelo companheirismo em mais um aprendizado em minha caminhada.

Agradeço a todas as pessoas, que direta e indiretamente, contribuíram para a construção da minha história de vida pessoal e profissional.

## Lista de figuras

Figura 1	- Sinal IDADE .....	25
Figura 2	- Sinal BOI .....	25
Figura 3	- Sinal DESCULPAR .....	26
Figura 4	- 46 CMs - Configuração de mãos .....	26
Figura 5	- 75 CMs - Configuração de mãos .....	27
Figura 6	- Sinal TELEVISÃO .....	28
Figura 7	- Sinal IMAGEM .....	28
Figura 8	- Sinal LUTAR .....	28
Figura 9	- Sinal TER .....	28
Figura 10	- Sinal LABIRINTE .....	28
Figura 11	- Sinal GANHAR .....	28
Figura 12	- Sinal LINGUÍSTICA .....	28
Figura 13	- Sinal LETRAS LIBRAS .....	28
Figura 14	- Sinal RESTAURANTE .....	29
Figura 15	- Sinal PAI .....	29
Figura 16	- 61CMs - configuração de mão .....	29
Figura 17	- Sinal QUIMICA .....	30
Figura 18	- Sinal IDADE .....	30
Figura 19	- Sinal CONHECER .....	30
Figura 20	- Sinal EVITAR .....	30
Figura 21	- Ponto de Articulação .....	30
Figura 22	- Sinal MAÇA .....	32
Figura 23	- Sinal FALTAR .....	32
Figura 24	- Sinal FEBRE .....	32
Figura 25	- Sinal TAPAR .....	32
Figura 26	- Sinal BRINCAR .....	33
Figura 27	- Sinal ABRIL .....	33
Figura 28	- Sinal ALTO .....	33
Figura 29	- Sinal RUIM .....	33
Figura 30	- Sinal ACENDER .....	35
Figura 31	- Sinal APAGAR .....	35

Figura 32	- Sinal IR/VIR .....	35
Figura 33	- Sinal AVISAR .....	35
Figura 34	- Sinal ORIENTAÇÃO DE MÃO .....	35
Figura 35	- Sinal SURPRESA .....	36
Figura 36	- Sinal TRISTE .....	36
Figura 37	- Sinal LADRÃO .....	37
Figura 38	- Sinal ATO-SEXUAL .....	37
Figura 39	- Sinal EVITAR – Parâmetros de Libras .....	38
Figura 40	- Capa da revista Nordeste Silencioso .....	40
Figura 41	- Instituto Domingos Sávio para Surdos-Mudos .....	40
Figura 42	- As diretoras de IDS: Irmã Josefina e Carmen Celso .....	40
Figura 43	- Comemoração aos 30 anos de IDS .....	41
Figura 44	- 1º padre Surdo Vicente Burnier .....	41
Figura 45	- Minha primeira comunhão .....	41
Figura 46	- Capa da revista Nordeste Silencioso .....	42
Figura 47	- Instituto Domingos Sávio para Surdos .....	42
Figura 48	- Sinal VIAJAR .....	51
Figura 49	- Sinal AZUL .....	52
Figura 50	- Sinal BRANCA .....	53
Figura 51	- Sinal IRMÃO .....	54
Figura 52	- Sinal CUNHADO .....	54
Figura 53	- Sinal CAFÉ .....	55
Figura 54	- Sinal MAGRO .....	56
Figura 55	- Sinal AJUDAR .....	57
Figura 56	- Sinal CONVERSAR .....	58
Figura 57	- Sinal DOCE 1/DOCE2 .....	59
Figura 58	- Sinal MORRER 1/MORRER 2 .....	59
Figura 59	- Sinal SUPERIOR/INFERIOR .....	59
Figura 60	- Sinal MADURO/IGNORANTE .....	59
Figura 61	- Capa dicionário Linguagem das mãos .....	62
Figura 62	- Uma página dos sinais de Linguagem das mãos .....	63
Figura 63	- Sinal CONSERTAR .....	64
Figura 64	- Sinal CONSOLAR .....	64

Figura 65	- Capa Dicionário Trilíngue Capovilla .....	64
Figura 66	- Uma página dos sinais de Dicionário Trilíngue Capovilla .....	65
Figura 67	- Sinal BANANA .....	65
Figura 68	- Sinal RAIVA .....	68
Figura 69	- Sinal ORGULHO .....	68
Figura 70	- Sinal SUOR .....	68
Figura 71	- Sinal ALEGRE .....	69
Figura 72	- Sinal LIMPO .....	69
Figura 73	- Sinal ORGULHO .....	70
Figura 74	- Sinal NOME .....	70
Figura 75	- Sinal SONHAR .....	71
Figura 76	- Sinal OURO .....	71
Figura 77	- Sinal FOME .....	72
Figura 78	- Sinal CARNE .....	72
Figura 79	- Sinal EMPREGADA .....	72
Figura 80	- Sinal GOSTAR .....	73
Figura 81	- Sinal ROSA .....	74
Figura 82	- Sinal SAL .....	74
Figura 83	- Sinal NATAL .....	75
Figura 84	- Sinal VERDE .....	76
Figura 85	- Sinal AMARELO .....	76
Figura 86	- Sinal SÁBADO .....	77
Figura 87	- Sinal SEGUNDA FEIRA .....	77
Figura 88	- Sinal SONHAR .....	78
Figura 89	- Sinal ROXO .....	78
Figura 90	- Sinal MARROM .....	79
Figura 91	- Sinal MENTIRA .....	79
Figura 92	- Sinal BRINCAR .....	79

## **Lista de quadros**

**Quadro 1:** Locações (Brito, 1995)

**Quadro 2:** Tipos de movimentos

**Quadro 3:** Categorias do parâmetro movimento na Língua de Sinais Brasileira

**Quadro 4:** Expressões não-manuais da língua de sinais brasileira

**Quadro 5:** Estratificação da amostra

## **Sigla e convenções usadas**

<b>ASL</b>	- Língua de Sinais Americana
<b>ASSPE</b>	- Associação de Surdos de Pernambuco
<b>CAS</b>	- Centro do Apoio Surdo
<b>CEB</b>	- Centro Educacional Bilíngue
<b>CEEL</b>	- Centro Educação e Estudos em Libras
<b>CM</b>	- Configuração de mãos
<b>EXNM</b>	- Expressão facial e/ou corporal
<b>FACHO</b>	- Faculdade de Ciências Humanas de Olinda
<b>FENEIDA</b>	- Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos
<b>FENEIS</b>	- Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
<b>IBGE</b>	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IDS</b>	- Instituto Domingos Sávio para Surdos
<b>INES</b>	- Instituto Nacional de Educação de Surdos
<b>LIBRAS</b>	- Língua Brasileira de Sinais
<b>LOC</b>	- Locação
<b>LSF</b>	- Língua de Sinais Francesa
<b>MEC</b>	- Ministério da Educação
<b>MOV</b>	- Movimento
<b>NACES</b>	- Núcleo de Acessibilidade
<b>Or</b>	- Orientação da mão
<b>OP</b>	- Orientação de palma
<b>PA</b>	- Ponto de articulação
<b>PROGEL</b>	- Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem
<b>SUVAG</b>	- Centro Suvag de Pernambuco
<b>UFC</b>	- Universidade Federal de Ceará
<b>UFRPE</b>	- Universidade Federal Rural de Pernambuco
<b>UFSC</b>	- Universidade Federal de Santa Catarina

## **Resumo**

O presente estudo destaca a variação regional como uma de suas dimensões, que se caracteriza pela evidência de formas de palavras, pronúncias e estruturas sintáticas distintas entre as regiões, o que também ocorre em Língua de Sinais. Os autores Brito (1995), Felipe (2001), Quadros e Karnopp (2004), Diniz (2011), Castro Júnior (2014) entre outros, discutem a variação linguística nas Línguas de Sinais na comparação das formas: a) Configuração de Mão (CM); b) Locação (LOC); c) Movimento (M); d) Orientação de palma de mão (OP) e e) Expressão facial e não manual (EXNM). O objetivo deste trabalho é analisar e descrever a história da mudança das Línguas de Sinais na cidade do Recife, esse fenômeno linguístico denominada variação linguística, que pode gerar novos sinais. Os sinais cuja forma pode ter mudado por motivos definidos pela própria linguística. Este estudo investigou a variação linguística que ocorre espontaneamente nas línguas humanas naturais, que foi iniciada por William Labov, o fundador da teoria da sociolinguística variável, percebendo que os falantes não falam de forma homogênea, mas sim de maneira heterogênea, considerando o fator social para estudar o fenômeno. Para atingir este objetivo, a metodologia qualitativa foi escolhida para quantificar os dados da amostra, verificar e analisar a variação linguística apresentada com sinais gerados por falantes surdos em Recife, com o objetivo de encontrar variação diatópica (variação regional ou geográfica) e variação diacrônica (variação história) nas Línguas de Sinais.

**Palavras-chave:** Variação linguística, Mudança linguística; Parâmetros da Libras, Mudanças das línguas de sinais.

## **Resumen**

El presente estudio destaca la variación regional como una de sus dimensiones, la cual se caracteriza por la evidencia de diferentes formas de palabras, pronunciaciones y estructuras sintácticas entre regiones, lo que también ocurre en la Lengua de Señas. Los autores Brito (1995), Felipe (2001), Quadros y Karnopp (2004), Diniz (2011), Castro Júnior (2014) entre otros, discuten la variación lingüística en Lenguas de Signos en la comparación de formas: a) Mano Configuración (CM); b) Ubicación (LOC); c) Movimiento (M); d) Orientación palmar (OP) y e) Expresión facial y no manual (EXNM). El objetivo de este trabajo es analizar y describir la historia del cambio de la lengua de signos en la ciudad de Recife, este fenómeno lingüístico llamado variación lingüística, que puede generar nuevos signos. Signos cuya forma puede haber cambiado por razones definidas por la propia lingüística. Este estudio investigó la variación lingüística que ocurre espontáneamente en las lenguas humanas naturales, que fue iniciado por William Labov, el fundador de la teoría de la sociolingüística variable, al darse cuenta de que los hablantes no hablan de manera homogénea, sino heterogénea, considerando el factor social para estudiar el fenómeno. Para lograr este objetivo, se optó por una metodología cualitativa para cuantificar los datos de la muestra, verificar y analizar la variación lingüística presentada con señales generadas por hablantes sordos en Recife, con el objetivo de encontrar variación diatópica (variación regional o geográfica) y variación diacrónica (variación histórica) en lengua de signos.

**Palabras clave:** variación lingüística, Cambio lingüístico, parámetros de Libras, cambios en la lengua de signos.

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
1.1 Minha rota de voo.....	16
<b>2 PERSPECTIVA HISTÓRICA DAS LÍNGUAS DE SINAIS</b> .....	<b>20</b>
2.1 Introduzindo a Língua .....	20
2.2 Produzindo a Língua de Sinais .....	22
2.3 Aspectos Fonológicos da Libras .....	25
2.3.1 Configuração de Mão (CM) .....	26
2.3.2 Ponto de articulação (PA).....	31
2.3.3 Movimento (M) .....	33
2.3.4 Orientação da palma (OP) .....	36
2.3.5 Expressões Facial e Corporal (EXNM) .....	37
2.4 História da Língua de Sinais em Recife.....	40
<b>3 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>47</b>
3.1 Os pressupostos da Sociolinguística .....	47
3.2 Variação Linguística.....	49
3.3 Variação linguística na Língua de Sinais .....	50
<b>4 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	<b>62</b>
4.1 O <i>corpus</i> da Pesquisa .....	63
4.1.1 Dicionário de Linguagem das Mãos .....	64
4.1.2 Dicionário de Capovilla.....	66
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>69</b>
5.1 Análise comparativa dos dados .....	69
5.1.1 Variação de diferentes parâmetros em Libras .....	69
5.1.1.1 Sinais que mudam a forma de CM: .....	70
5.1.1.2 Sinais que mudam a forma do PA: .....	71
5.1.1.3 Sinais que mudam a forma do M: .....	72
5.1.1.4 Sinais que mudam a forma da OP: .....	74
5.1.2 Sinais idênticos: .....	75
5.1.3 Comparação dos sinais de IDS e OATES .....	77
5.1.4 As variações diatópicas .....	79
5.1.5 As variações diacrônicas .....	80
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>85</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>89</b>

## 1 Introdução

Este trabalho pesquisa a história do desenvolvimento de variações das Línguas de Sinais em Recife e se justifica pelo fato de os surdos utilizarem diferentes sinais, o que gera algumas preocupações, pois muitos símbolos não estão listados e podem ser perdidos por falta de registros históricos.

O objetivo da presente dissertação é apresentar a variação linguística nas comunidades surdas da cidade do Recife. E como objetivo específico investigar a origem das sinalizações da Comunidade surda da cidade de Recife, além de mostrar, em língua de sinais, os parâmetros fonológicos que caracterizam a sinalização histórica, identificando os níveis em que ocorre a variação, verificando as possíveis variantes dos sinais pesquisados, além de ilustrar possíveis variantes encontradas nas pesquisas, comparando os sinais utilizados em anos anteriores e atualmente. Entende-se que esta pesquisa pode contribuir para a compreensão do fenômeno da variação linguística na Língua de sinais.

Sendo assim, a presente dissertação tem como hipótese testar variações linguísticas com respeito aos sinais que mudam na história.

Os primeiros sinais foram relatados em Recife, a começar em 1952, por surdos que estudaram no Instituto Domingos Sávio para Surdos – IDS e usavam alguns sinais, embora esses sinais não fossem permitidos. Toda vez que usavam o sinal, eram repreendidos e diziam que “é feio usar o sinal”. E muitos sinais mudaram ao longo do tempo, como a influência de surdos dos outros estados, como mostram relatos de quatro surdos diferentes, entre 50 a 70 anos de idade, que estudaram na escola IDS de Recife para conhecer os sinais utilizados no passado e catalogar essas variações linguísticas no decorrer do tempo.

Esta pesquisa tem como base teórica os estudos sobre a variação linguística, liderados pelo pesquisador William Labov (2008), que considera a língua como heterogênea e dinâmica, e assim capaz de gerar variação, levando em consideração os fatores sociais apresentados pela comunidade de fala. Para coletar os dados analisados a seguir, este trabalho foi dividido em seções.

Na seção 1, nos propomos a introduzir o conceito de língua, língua de sinais, para, por fim, discutir os aspectos fonológicos da Libras, onde autores como Brito (1995), Felipe (2001), Quadros e Karnopp (2004), Diniz (2011) entre outros, foi considerado e pretendemos colocar o leitor na perspectiva histórica das línguas de sinais e do início da

língua de sinais em Recife.

Na seção 2, especificamos conceitualmente os pressupostos da sociolinguística a partir das definições de Labov, pioneiro da teoria variacional da sociolinguística, e de outros autores, como Alkmim (2008), Costa (2010), que contribuíram discutindo conceitos como a definição de sociolinguística e variação linguística e da variação linguística na língua de sinais, nas perspectivas regionais, sociais e históricas.

A metodologia, utilizada na pesquisa, é descrita na seção 3, responsável por descrever os métodos de pesquisa utilizados, o tratamento dos dados coletados e as imagens, elaboradas em colaboração com os surdos do IDS de Recife.

Na seção 4, apresentamos a análise dos dados divididos em três partes dos dicionários em comparação de variações de diferentes parâmetros em Libras, por exemplo, observar os exemplos de um sinal dos três dicionários para cada parâmetro em configuração de mão (CM), locação (LOC), movimento (MOV) e orientação de palma (OP).

Por fim, apresentamos nossas considerações finais, mostrando a identificação da estrutura linguística e a mudança histórica das línguas de sinais.

### **1.1 Minha rota de voo**

Nascida surda, cuja família paterna já possuía o histórico de ter mais de dez parentes surdos, entre primos, tios e, posteriormente, a minha pessoa. Com o passar dos anos, frequentei a escola e convivi com as demais crianças ouvintes, onde fui inserida no ambiente escolar, sem conseguir a compreensão de nada que me era exposto, sem o mínimo de comunicação, ainda não sabia como brincar, não havia aprendido a sentar e ter atenção para com a professora em sala de aula, muitas vezes estava inquieta e ninguém entendia o motivo disso.

Com o passar do tempo, passei a compreender bem e a iniciar formas de comunicação com a professora, além de participar das brincadeiras com os colegas e

realizar interações com todos. Como nasci e residia em uma cidade do interior de Pernambuco, na adolescência, precisei me mudar e continuar meus estudos na capital, onde pude estudar em uma escola/internato para surdos localizada no Recife. Nessa época, minha comunicação era informal, não usava Língua de Sinais e também não oralizava, nesse período era muito comum a utilização de gestos pelas pessoas que, assim como eu, não conheciam a Língua de Sinais.

No internato para surdos, aqui em Recife, comecei a perceber, nos outros jovens, a sensação de afinidade, inclusive a respeito da organização na escola e sua relação com as famílias. Pude perceber que a minha vida era muito parecida com a de outras adolescentes surdas, que também tiveram o primeiro contato com outros surdos em espaços religiosos para depois começar a frequentar o espaço escolar. Estudar com outros jovens surdos foi um marco muito importante para meu desenvolvimento, pois pude me expressar melhor e interagir com eles. Frequentava a igreja e a escola simultaneamente com outros estudantes surdos e uma etapa da minha trajetória em que pude desenvolver a comunicação com os demais jovens, usando Língua de Sinais.

Lembro que, aos quinze anos de idade, mudei para uma escola regular, esse foi um momento difícil e de muito sofrimento. Os professores realizavam as aulas unicamente de forma oralizada e não tive o suporte de nenhum intérprete de Língua de Sinais. Eu, simplesmente, me sentava e percebia que, ao meu lado, minha colega, minha prima e minha irmã, que também eram minhas colegas de classe, assistindo a aula enquanto eu apenas as observava e sentia que não estava aprendendo igual a elas, não estava entendendo nada e, por muitas vezes, me sentia como uma estátua. Quando terminava a aula, no turno da tarde, minha irmã e minha mãe me ensinavam em casa, reforçando o conteúdo da aula que não aprendi. Por diversas vezes, me senti exausta por lidar com uma comunicação onde não se usava a Língua de Sinais, pois a todo tempo as pessoas estavam oralizando e isso interferiu no meu desempenho escolar, minhas notas eram baixas, embora obtivesse alguns desempenhos positivos, nunca alcancei uma nota dez, principalmente por causa da barreira comunicacional.

Do Ensino Fundamental ao Médio, enfrentei muitas dificuldades devido à ausência de tradutores/intérpretes, fazendo com que a comunicação quase nunca acontecesse de forma clara. Mesmo tendo muitas dificuldades, não desisti, continuei insistindo e estudando. Algumas pessoas me viam com certa estranheza, mas fui muito persistente e não parei os estudos durante toda educação básica.

Morando em Recife pude conhecer a Associação de Surdos de Pernambuco - ASSPE, um lugar de interação e excelentes diálogos com outros surdos. Através dos encontros, muitas vezes, conversávamos sobre o passado, período ao qual muitos de nós estudávamos no internato. Tive o apoio de poucas pessoas, mas muitos colegas acreditaram em mim, dentre eles, uma prima minha, que sempre dialogava comigo me apoiando, principalmente quando fui aprovada para iniciar meus estudos no curso de Pedagogia na Faculdade de Ciências Humanas de Olinda - FACHO. Apesar da graduação concluída, eu ainda não havia me sentido realizada apenas com o diploma em Pedagogia. Na trajetória de estudos da graduação, eu havia trabalhado com educação de crianças, mas não tive uma formação focada na Língua de Sinais, ao mesmo tempo que eu recebia sempre aulas modeladas com temas voltados para o público ouvinte, não havia problematizações de temas que, de alguma forma, questionassem como os surdos se sentiam e, neste mesmo período, eu não encontrei pesquisas voltadas à surdez. Durante minha graduação em Pedagogia, em 1997, na FACHO, pude ver que muitos estudantes surdos abandonaram os estudos no ensino superior. Eu entendia que as aulas da graduação eram muito necessárias para minha formação, por este motivo frequentei o máximo que pude, até que também precisei deixar o curso de licenciatura em Pedagogia.

Algum tempo depois de abandonar a graduação em Pedagogia, recebi uma divulgação me convidando para fazer a prova de egresso no curso de Letras - Libras no polo de Universidade Federal de Ceará – UFC da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, como não tinha dinheiro para viajar para outra cidade, uma amiga, que a tenho como uma mãe, que também vivia em Recife, apesar da família morar no interior de Pernambuco, me incentivou e insistiu que eu fizesse a prova, pagando minha viagem. Viajei e fui aprovada no vestibular para o curso de Letras - Libras. Quando eu não podia viajar, esta amiga me ajudava a ir para Fortaleza de ônibus, eu realizei muitas idas e vindas entre Pernambuco e Ceará até concluir minha graduação e me formar em Letras - Libras, concluindo esta etapa com gratidão. Essa luta não se encerrou aí, ela continuou até se materializar com a minha chegada ao Mestrado, um novo momento em que continuo a me dedicar.

No ano de 2009, ainda cursando a graduação de Letras - Libras, atuei na pesquisa “Memórias e história dos surdos em Pernambuco”, em andamento, pelo grupo de estudo “Ponto de cultura surda vozes visuais” com o objetivo de identificar sinais que se transformaram ao longo dos 60 anos e fazer o levantamento de sinais utilizados por pessoas surdas pernambucanas na década de 50. Esta pesquisa desenvolveu trabalhos

focados no léxico de sinais em períodos históricos em Pernambuco a partir da pesquisa em documentos e fotografias desde a década de 50. Devido ao contexto temporal não proporcionar o registro do léxico em Libras, pois não é uma língua escrita, a pesquisa precisava se abarcar nas memórias das pessoas surdas mais velhas, tornando-se as principais fontes da pesquisa para que fossem possíveis o registro e a preservação em vídeos. Assim, a pesquisa coletava informações e depoimentos filmados em entrevistas com pessoas surdas que viveram neste recorte de tempo, documentos, fotografias e jornais que retratassem as vivências das pessoas surdas no estado de Pernambuco por volta de 60 a 70 anos atrás. Esta etapa da pesquisa demandou esforço e desdobramento do grupo, pois o *corpus* de Libras, dentro do recorte histórico, não é de fácil acesso ou é incipiente.

Ao realizar essa pesquisa, descobri novos horizontes aos quais antes não tive acesso e conhecimento, por isso quis continuar estudando e me qualificando através do mestrado, porque eu entendo que o mestrado não apenas pode me elevar como título, mas me capacitar para desafios maiores, pretendo aprender e produzir com profundidade estudos sobre a temática da Libras, atividades que apenas uma formação *stricto sensu* pode me proporcionar. Me esforço e sinto que estou evoluindo cada vez mais em direção ao meu objetivo, considero importante interagir com meus professores, colegas de turma e tantas outras pessoas que se relacionam com o estudo de forma tão aprofundada. Às vezes, percebo que algumas pessoas observam com julgamentos como se eu não fosse capaz, mas, apesar disso, continuo forte e insistente para conquistar meu aprendizado com excelência. Não é apenas uma formação por titulação maior, mas sim pela sede de aprender, produzir e compartilhar o conhecimento dentro dos meus estudos.

## 2 PERSPECTIVA HISTÓRICA DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Nesta seção, serão apresentados alguns conceitos linguísticos sobre Língua e Línguas de Sinais com o intuito de abordar de onde vieram as Línguas de Sinais e como evoluíram para atingir os aspectos fonológicos da Libras.

### 2.1 Introduzindo a Língua

Segundo as escrituras sagradas, a origem da língua partiu do primeiro ser vivo, Adão, capaz de reproduzir a fala, ou seja, elaborar um sistema de língua para a comunicação humana. Com os tempos, os animais conseguiam se comunicar através de suas próprias linguagens comunicativas ou códigos. Como fomos desenvolvidos com o acompanhamento da tecnologia presente nessas épocas, conseguimos elaborar um sistema complexo de palavras para formar um sistema de sentenças.

A língua é um sistema de comunicação com o objetivo de propagar pensamentos e ideias por meio da comunicação e da interação. Apresentar um bom uso da língua e de todas as suas regras pode fazer com que as pessoas se destaquem no seu dia a dia. Para Saussure (2012, p.41), a língua é “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. De acordo com o autor:

“É necessário colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstruir o circuito da fala. ... Um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1 – as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2 – o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações” (SAUSSURE, 2012, p. 45).

O referido estudioso considera a língua como um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo. Como mostra Janson (2015):

As línguas não são apenas sistemas de comunicação entre indivíduos. Uma língua é usada por um grupo e é uma parte importantíssima da identidade e da cultura desse grupo (JANSON, 2015, p.32).

Aproximadamente existem 7.012 línguas faladas, 23 dessas línguas são maternas de mais de 50 milhões de pessoas. As 23 línguas deram origem à língua nativa de 4,1 bilhões de pessoas. Tendo em vista essa realidade, passaremos ao contexto concernente à Língua de Sinais.

A língua não se confunde com a linguagem; é apenas uma parte certa e importante disso. É tanto um produto social da habilidade linguística quanto um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir que as pessoas exerçam essa habilidade. A linguagem é diversa e heteróclita<sup>1</sup>; a língua, ao contrário, é uma entidade e um princípio de classificação. É a parte social e não individual da linguagem. (SAUSSURE, 1995, p. 17).

A linguagem é um sistema de comunicação humana ou não é. Com base nesse argumento, entendemos a linguagem como algo mais amplo, qualquer forma de expressão que apresente significado. (LYONS, 1987). Conforme resumido por Quadros (2004), a linguagem é usada nesse sentido amplo, que inclui todas as formas de comunicação humana, incluindo a própria linguagem, expressões animais e outros parentes, e também é usada em um sentido mais amplo.

A linguagem é algo mais abstrata/ilimitada do que a língua, ou seja, refere-se ao conhecimento interno dos usuários da língua. A linguagem humana é única para os humanos e relacionada ao conhecimento que os humanos têm sobre a língua.

Uma citação que mostra palavra com a grafia: *lingua(gem)*. Essa grafia é utilizada por Lyons propositalmente para destacar que, apesar de se relacionarem, os conceitos de língua e linguagem são distintos, pois “a pergunta ‘O que é a *lingua(gem)*?’

O linguístico a princípio lida com as línguas naturais. A pergunta "O que é a *lingua(gem)*?" traz em si a pressuposição de que cada uma das milhares de línguas naturais reconhecidas são distintas, faladas em todo o mundo, é um caso específico de algo mais geral. O que o linguista quer saber é se as línguas naturais, todas, possuem em comum algo que não pertença a outros sistemas de comunicação, humano ou não, de tal forma que seja correto aplicar a cada uma delas a palavra "língua", negando-se a aplicação deste termo a outros sistemas de comunicação - exceto na medida em que, assim como o esperanto, eles sejam baseados em línguas naturais preexistentes. (LYONS, 1987, p.17).

Assim, é possível concluir que a perspectiva histórica pode mostrar a diferença entre a Língua e a Linguagem. A seguir, serão abordadas reflexões acerca da Língua de Sinais.

---

<sup>1</sup> Que não é conforme às regras da gramática.

## 2.2 Produzindo a Língua de Sinais

A Língua Brasileira de Sinais, também conhecida como Libras, é utilizada na comunicação dos surdos no Brasil. Libras não é universal, sua história faz parte da história brasileira, constituindo-se como a língua natural dos surdos com estruturas e regras gramaticais próprias.

A história da nossa língua de sinais se mistura com a história dos surdos no Brasil, pois, até o século XV, os surdos eram mundialmente considerados como “ineducáveis”. Com mudanças que ocorreram na Europa no século XVI, essa perspectiva foi mudada, assim, iniciou-se a luta pela educação dos surdos, a qual foi marcada pela atuação de um surdo francês, chamado E. Huet. (STROBEL, 2009). Em 1857, Huet chegou ao Brasil a convite de D. Pedro II para fundar a primeira escola para surdos do país, chamada na época de Imperial Instituto de Surdos-mudos. Com o passar do tempo, o termo “surdo-mudo” saiu de uso por se tratar de um termo incorreto e foi corrigida em sua nomenclatura, apesar disso, o Instituto persistiu e funciona até hoje, com o nome de Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES – situado no Rio de Janeiro. (STROBEL, 2009).

A Libras foi evoluindo juntamente com o INES, a partir de uma mistura entre a Língua de Sinais Francesa – LSF e gestos já utilizados pelos surdos brasileiros, que ocorre de igual forma aos empréstimos linguísticos em outras línguas. Segundo Duarte (2013):

Com os empréstimos lexicais da Libras, desenvolveu-se o alfabeto manual, a representação das Configurações de Mão que reproduzem o alfabeto da Língua Portuguesa, constituindo assim a estrutura da DATILOLOGIA, também conhecida como soletração digital. As funções deste recurso estrutural da língua se fazem necessárias para a soletração de nomes próprios, palavras em destaque, explicar o significado de uma palavra da qual não se conhece o sinal, ou para aguçar o sentido de uma determinada palavra. (DUARTE, 2013, p. 28).

Em 1880, a Libras teve um regresso considerável em sua história com a proibição do uso das línguas de sinais no mundo, decisão aprovada no congresso sobre surdez que foi realizado em Milão, no qual se acreditava que a leitura labial era a melhor forma de comunicação para os surdos. Tal proibição não fez com que os surdos parassem de se comunicar por sinais, tal fato atrasou a difusão da língua no país. (STROBEL, 2009).

Libras é uma língua de modalidade visual-espacial na qual é possível se comunicar através de expressões faciais e corporais. Reconhecida como meio legal de comunicação

e expressão, conforme a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, a Libras é muito utilizada na comunicação com pessoas surdas, sendo, portanto, uma importante ferramenta de inclusão social. Geralmente, a sociedade acredita que a Libras é uma representação da língua portuguesa através dos gestos, devido à modalidade sinalizada, no entanto, ela não é derivada do português e também não é uma língua simplificada, pois contém estruturas e processos que não se encontram no português. A Libras é uma língua completa e possui uma gramática própria e única. A autora Diniz (2011, p. 28) explica que “a Libras sempre mostra a resistência e a habilidade linguística, mantendo-se, até hoje, como prova de ser ‘viva’”.

Mesmo com todos esses avanços, a Libras ainda é pouco conhecida e/ou utilizada entre os ouvintes e seu *status* de língua ainda não é validada na prática. Para mudar essa realidade, precisamos nos apropriar da língua de sinais, defendendo-a e procurando aprender mais sobre ela. Ao se comunicar através da Libras, assim como as demais línguas, é necessário conhecer, principalmente, a sua estrutura gramatical e não somente os símbolos de uma forma solta e informal.

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico que se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam também especificidades, mas seguem também princípios básicos gerais. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais codificados no léxico e nas estruturas da Libras e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos, sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. (BRITO, 1998, p.23).

Os estudos linguísticos das línguas de sinais iniciaram com Stokoe no ano de 1960, onde foi apresentada uma análise descritiva da Língua de Sinais Americana (doravante, ASL), revolucionando a linguística na época, pois, até então, todos os estudos linguísticos concentravam-se nas análises de línguas faladas. Pela primeira vez, um linguista estava apresentando os elementos linguísticos de uma língua de sinais com uma análise no nível fonológico e morfológico. (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 29).

Aos poucos, os próprios surdos começaram a participar como pesquisadores das línguas de sinais, no entanto, ainda precisamos ampliar o número de linguistas surdos, investigando a língua de sinais usada em seu território e em todos os setores.

As línguas de sinais vêm mostrando que são comparáveis em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais. Estas línguas expressam ideias sutis, complexas

e abstratas. Os seus usuários podem discutir filosofia, literatura ou política, além de esportes, trabalho, moda e utilizá-la com função estética para fazer poesias, contar estórias, criar peças de teatro e humor.

Todas as línguas de sinais ampliam seu vocabulário com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta às mudanças culturais e tecnológicas, assim, a cada necessidade, surge um novo sinal, e, desde que esse se torne aceito, passa a ser utilizado pela comunidade.

A Língua de Sinais é um sistema linguístico legítimo, que independe das línguas orais e preenche eficazmente as necessidades de comunicação do ser humano, por ser dotada de complexidade e expressividade tanto quanto as línguas orais. Por meio dela, o indivíduo surdo é capaz de expressar qualquer assunto de seu interesse ou conhecimento. Ela não é uma língua universal, por isso, da mesma forma que os ouvintes em países diferentes se comunicam em línguas diferentes (italiana, inglesa, portuguesa etc.), os indivíduos surdos, inseridos em “Culturas Surdas”, apresentam suas próprias línguas, com características e estruturas particulares; portanto, há muitas línguas de sinais diferentes, como, por exemplo, a Língua de Sinais Francesa (doravante, LSF) e a Língua de Sinais Americana - ASL, entre tantas. No Brasil, temos a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Como ocorre nas línguas auditivas, pode acontecer que mais de um país utilize a mesma língua de sinais, como é o caso dos Estados Unidos e Canadá.

Sobre isso, Diniz (2011, p. 30-31) relata que:

“É fundamental tomar conhecimento da existência da relação entre as línguas de sinais de três países, a França, o Brasil e os Estados Unidos. Os professores surdos E. Huet e Laurent Clerc, ex-alunos de Instituto Jovens Surdos-Mudos em Paris, fizeram-na com o propósito de criar as escolas para surdos na América. Pois as metodologias da LSF distribuíram, aos países das escolas. As línguas de sinais Brasileira e Americana foram avançando em parceria com a LSF. Os contatos em língua de sinais se espalharam independentemente do espaço geográfico, nas faladas, muitas vezes, se originam na língua de um país que foi tomado na fronteira por outro estado. As línguas de sinais, que é possível ter entrado em contato com eles, podem ter sido influenciadas por fenômenos linguísticos. Precisam continuar os estudos da língua de sinais para construir modelos de aprendizagem da língua de sinais nos países do mundo”.

Toda língua de sinais tem sua própria estrutura gramatical, por isso os surdos dos diferentes países, mesmo com os regionalismos com a língua de sinais diferentes, comunicam-se mais rápido uns com os outros, fato que não ocorre entre falantes de língua orais, que necessitam de um tempo bem maior para um entendimento. Isso se deve à capacidade que as pessoas surdas têm em desenvolver, aproveitar gestos e pantomimas

para a comunicação e estarem atentos as expressões faciais e corporais das pessoas (FELIPE, 2001).

Uma língua de sinais (português brasileiro) ou língua gestual (português europeu) é uma língua visual, que surge nas comunidades de pessoas surdas ou se deriva de outras línguas de sinais. Assim como as línguas orais-auditivas, uma língua de sinais é considerada pela linguística como língua natural, pois atende a todos os critérios linguísticos como qualquer língua. “Por seu canal comunicativo ser diferente das línguas orais-auditivas, as línguas de sinais são denominadas como línguas de modalidade visuo-espacial”. (QUADROS, 2004).

Os sinais, ou seja, as palavras, são articulados essencialmente pelas mãos e percebidos através da visão. Em uma língua de sinais, os sinais não são gestos, são símbolos arbitrários, legitimados e convencionados pelos usuários de uma língua de sinais, assim como as palavras são em uma língua oral. Por meio de uma língua de sinais, o surdo ou a pessoa com deficiência auditiva, tem acesso à informação e à comunicação. Há, no mundo, muitas línguas de sinais e, em muitos países, línguas de sinais têm recebido o *status* de língua oficial. (CRYSTAL, 2012).

A seguir, analisaremos os aspectos fonológicos dos sinais, mostrando os parâmetros de Libras, posterior de Stokoe (1960) e Quadros (2004), tais como a Configuração de Mão (CM), o Movimento (M), Orientação da mão (Or), Localização (L) e Expressões faciais e corporais (EXNM).

### **2.3 Aspectos Fonológicos da Libras**

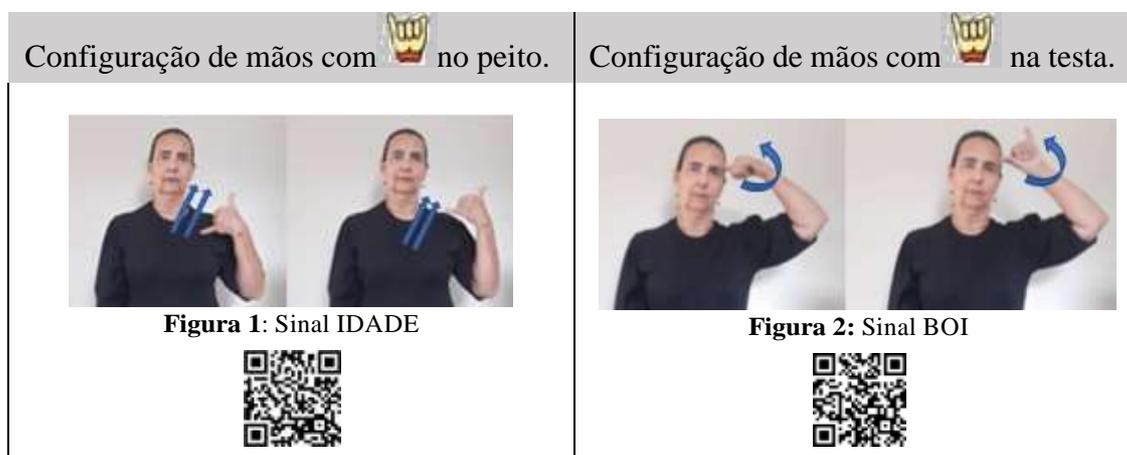
A Fonologia se dedica ao estudo das unidades mínimas e de seus elementos constituintes que distinguem as palavras. Na língua oral, está relacionada aos sons da fala, ou seja, sua representação sonora, o que não ocorre com a língua de sinais, pois a mesma independe desses aspectos ligados à oralidade de uma língua. É um ramo da linguística preocupado em investigar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos que formam os sinais.

A partir de estudos de elementos básicos que formavam os sinais e as unidades mínimas que sozinhas não apresentavam significado é que foi sendo constituída a fonologia das línguas de sinais. De igual forma ocorre com a Libras, a qual tem, nas sinalizações das mãos, seus articuladores primários, podendo produzir sinais com uma ou

duas mãos em um determinado espaço. Os principais parâmetros fonológicos são: Configuração de mão (CM), Locação (L) e Movimento (M). Assim como uma letra na língua portuguesa poderá alterar o sentido de uma palavra, caso seja substituída por outra, qualquer um dos pontos dos parâmetros, sendo substituído ou alterado por outro, também alterará o sentido em língua de sinais. Nos aspectos fonológicos na Libras, os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato, ou um lugar, que pode ser uma parte do corpo ou um espaço em frente do corpo. Na formação dos sinais da Libras, os seguintes parâmetros são considerados, conforme Felipe (2001): configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões facial e corporal.

### 2.3.1 Configuração de Mão (CM)

São as formas das mãos, que podem ser utilizadas em datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas por uma mão ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizador. Os sinais IDADE, BOI e DESCULPE têm a mesma configuração de mão em 🙌 e são realizados no peito, na testa no lado esquerdo e no queixo, respectivamente.



Fonte: Elaboração própria.

Configuração de mão com 🙌 no queixo.



Figura 3: Sinal DESCULPE



Fonte: Elaboração própria.

São as formas assumidas pelas mãos durante as realizações dos sinais. Conforme vem ampliar mais as pesquisas sobre a Libras e os sinais produzidos por Faria-Nascimento em 2009, novas configurações têm surgido e sendo registradas.

CM 46

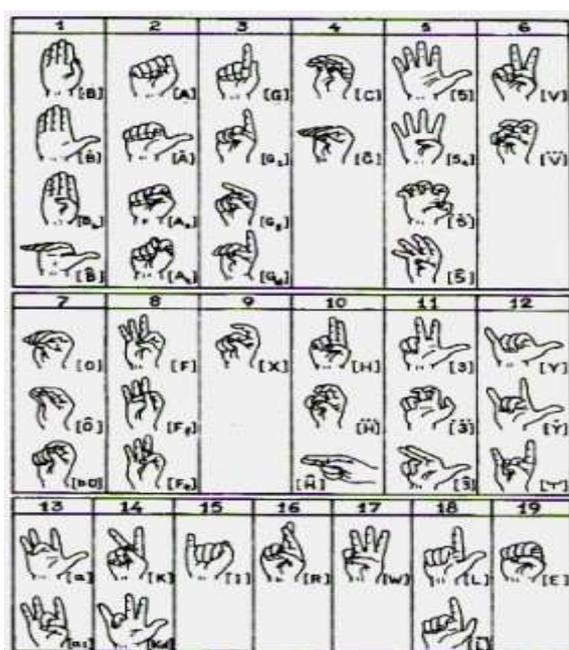
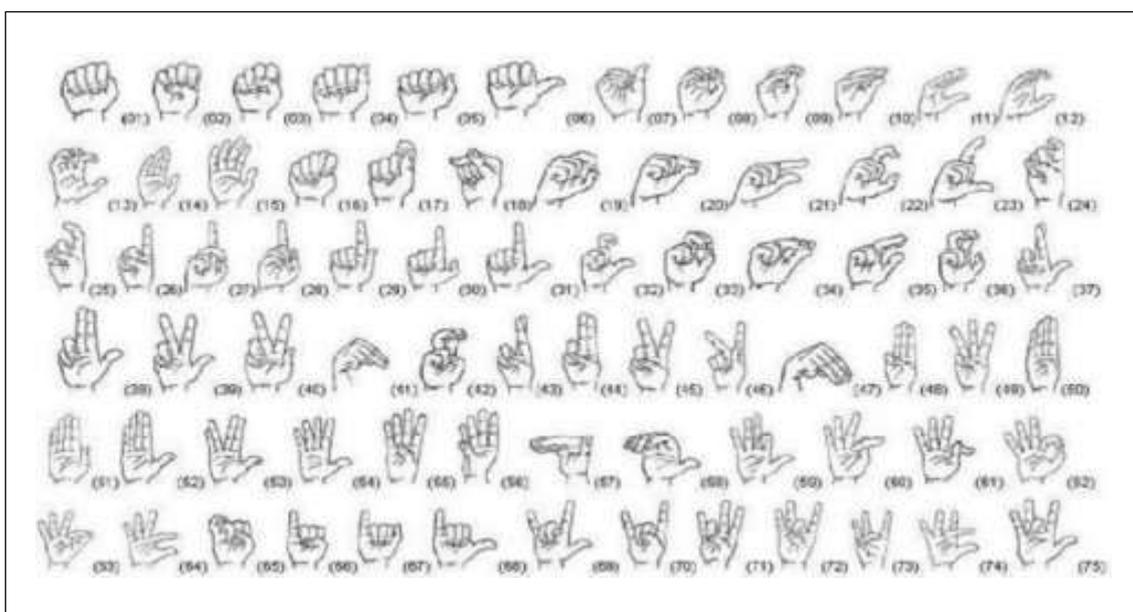


Figura 4: As 46 CMs da Libras (Brito, 1995, p. 220).

## CM 75



**Figura 5:** As 75 CMs da Libras (FARIA-NASCIMENTO, 2009).

A autora de Brito apresenta-se, em 1995, como pioneira no estudo da gramática da Libras, um modelo com o registro de 46 configurações, o qual é ilustrado na figura 4. Na figura 5, podemos observar um quadro ampliado com o registro de 75 configurações presentes no estudo de Faria-Nascimento em 2009.

Os aspectos fonológicos na Libras nos sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com o determinado formato num lugar, que pode ser uma parte do corpo ou um espaço em frente do corpo. Na formação dos sinais da Libras, são chamadas de parâmetros. (FELIPE, 2001).

Durante a realização dos sinais, a configuração pode se manter a mesma ou ser alterada para completar seu sentido, como podemos observar nos exemplos que se seguem:

Nas figuras 6, 7 e 8, duas mãos fazem a mesma configuração de mão com 🖐️ e posição diferente para completar o sentido do sinal.



Fonte: Elaboração própria.

Outra posição diferente com uso de uma mão ativa, observamos nas figuras 9, 10 e 11, com o uso da mesma configuração de mão com 🖐️, mantendo-o com diferente movimento e localização de realização de sinal.



Fonte: Elaboração própria.

O sinal de LINGUÍSTICA, na figura 12, assume duas mãos iguais de CM diferentes para completar o significado do sinal, enquanto no sinal LETRAS LIBRAS, na figura 13, os ponteiros superiores ficam ativos enquanto a mão de apoio é passiva.



Fonte: Elaboração própria.

Mostrando outras figuras dos sinais RESTAURANTE, na figura 14, e PAI, na figura 15, diferem da configuração de mão, o primeiro sinal contém uma mão em configuração 🙌, enquanto, no segundo sinal, encontramos uma mão ativa, realizando duas configurações das mãos separadas para completar o sentido do sinal.



Fonte: Elaboração própria.



**Figura 16:** As 61 CMs da Curso de Libras 1 (Pimenta e Quadros, LSB vídeo, 2006).

Conclui-se que as mudanças fonológicas e lexicais nas línguas de sinais ocorrem quando, no resultado de algum processo fonológico, são observadas alterações em alguns dos parâmetros, como configurações de mão, ponto de articulação, movimento e orientação.

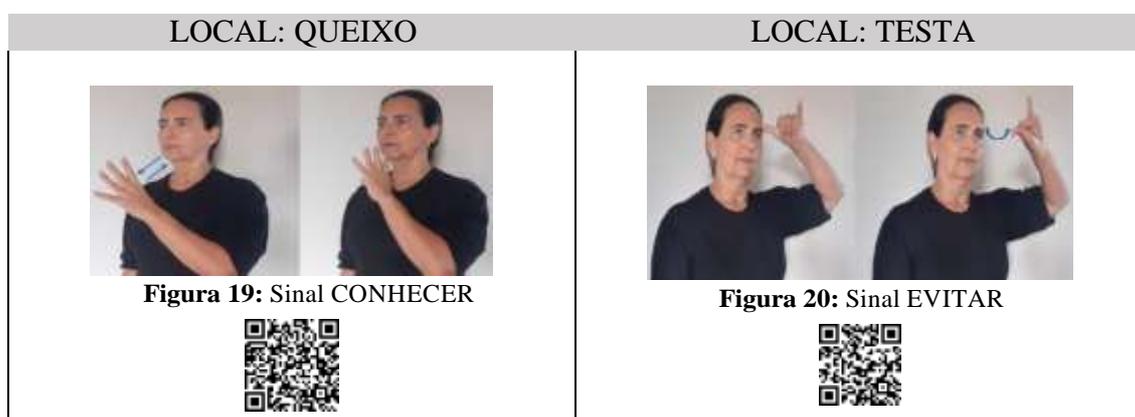
### 2.3.2 Ponto de articulação (PA)

É o espaço em frente do corpo ou no espaço onde os sinais são articulados, podem ser apresentados em dois tipos: os que se articulam no espaço neutro ou os que tocam alguma parte do corpo.

O sinal QUÍMICA é feito no espaço neutro (frente do corpo). Para exemplificar os sinais que tocam uma parte do corpo, temos o sinal de IDADE que é feito no peito, o sinal CONHECER, feito no queixo, e o sinal EVITAR, feito na testa, como mostram as figuras a seguir.

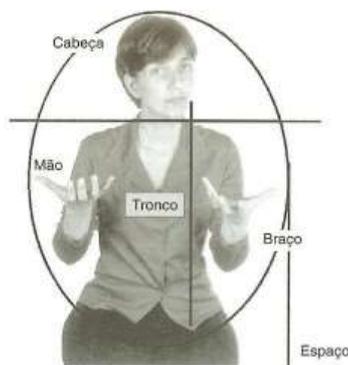


Fonte: Elaboração própria.



Fonte: Elaboração própria.

Ponto de articulação na figura 21, veja abaixo:



**Figura 21:** Espaço de realização dos sinais.

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 57.

As locações são divididas em quatro áreas principais: cabeça, mão, tronco e espaço neutro.

**Quadro 1:** Locações (BRITO, 1995)

<b>cabeça</b>	<b>tronco</b>
topo de cabeça testa rosto parte superior do rosto parte do inferior do rosto orelha olhos nariz boca bochechas queixo	pescoço ombro busto estômago cintura  braços braço antebraço cotovelo pulso
<b>mão</b>	<b>Espaço neutro</b>
palma costas das mãos lado do indicador lado do dedo mínimo dedos pontas dos dedos dedo mínimo anelar dedo médio indicador polegar	

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

### 2.3.3 Movimento (M)

Os sinais podem ser com ou sem movimento. Como exemplos podemos citar os sinais de MAÇÃ e FALTAR com movimento e os sinais FEBRE e TAPAR OS OUVIDOS sem movimento, conforme mostram as figuras:



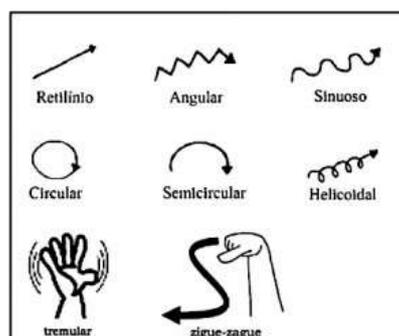
Fonte: Elaboração própria.



Fonte: Elaboração própria.

### Quadro 2: Tipos de movimentos

Os tipos mostrados estão relacionados ao movimento uma mão ou duas mãos.



Fonte: Strobel e Fernandes, 1998.

De acordo com Brito (1995):

o parâmetro movimento é bastante complexo, sendo que podemos observar, nos sinais, diferentes tipos de movimento: movimento interno da mão, movimento do pulso e movimento direcional no espaço. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.54). Veja os exemplos desses tipos de movimento nos sinais a seguir.

Sinal BRINCAR	Sinal ABRIL
	
<p><b>Figura 26:</b> Sinal BRINCAR Circular</p> 	<p><b>Figura 27:</b> Sinal ABRIL Retilíneo</p> 

Fonte: Elaboração própria.

Sinal ALTO	Sinal RUIM
	
<p><b>Figura 28:</b> Sinal ALTO Helicoidal</p> 	<p><b>Figura 29:</b> Sinal RUIM Tremular</p> 

Fonte: Elaboração própria.

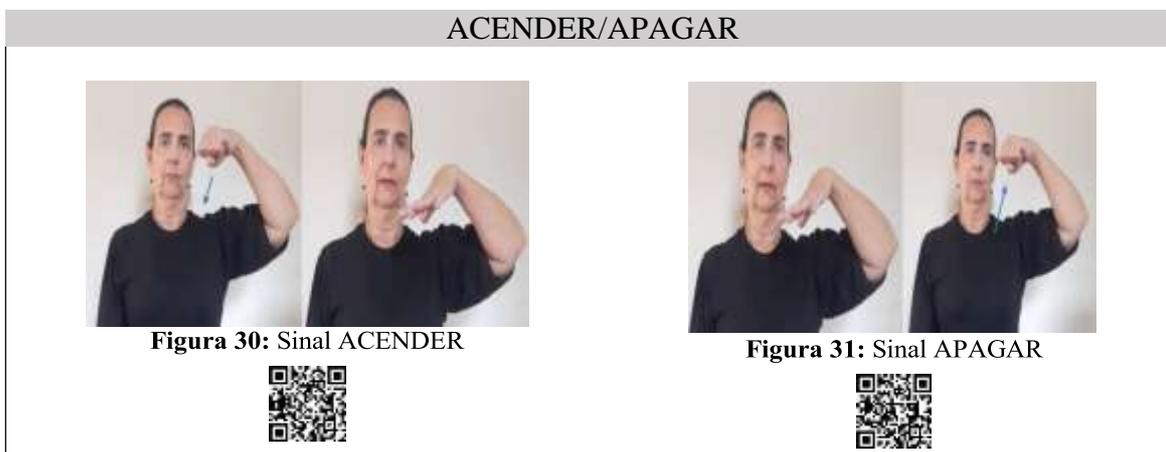
**Quadro 3:** Categorias do parâmetro movimento na Língua de Sinais Brasileira (BRITO, 1995)

<b>TIPO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contorno ou forma geométrica: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual.</li> <li>- Interação: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado.</li> <li>- Contato: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar.</li> <li>- Torcedura do pulso: rotação, com refreamento.</li> <li>- Dobramento do pulso: para cima, para baixo.</li> <li>- Interno das mãos: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo).</li> </ul>
<b>DIRECIONALIDADE</b>
<p>Direcional</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Unidirecional: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial.</li> <li>– Bidirecional: para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda.</li> </ul> <p>Não direcional</p>
<b>MANEIRA</b>
<p>Qualidade, tensão e velocidade</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Contínuo</li> <li>- De retenção</li> <li>- Refreado</li> </ul>
<b>FREQUÊNCIA</b>
<p>Repetição</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Simples</li> <li>- Repetido</li> </ul>

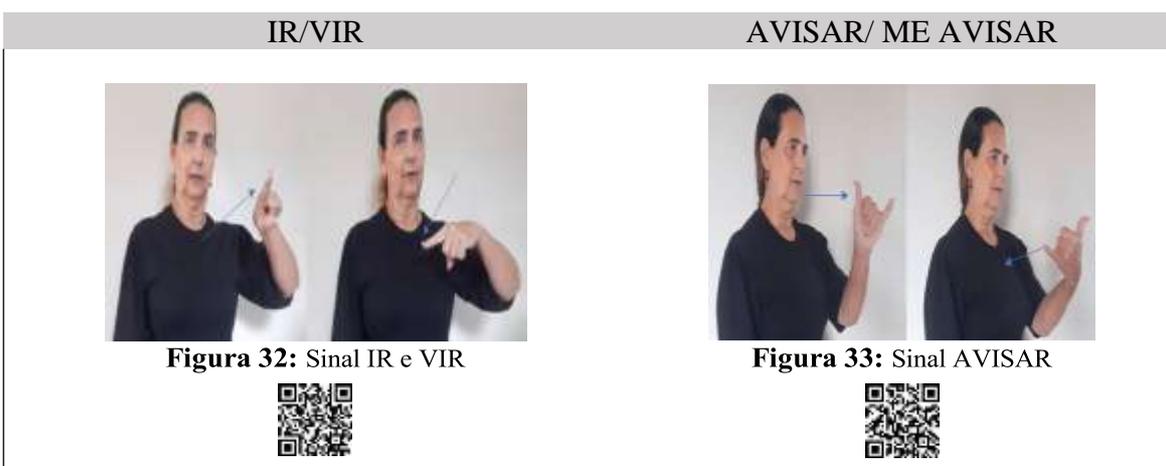
Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

### 2.3.4 Orientação da palma (OP)

Os sinais podem ter uma direção, e a inversão dessa pode significar ideias opostas ou concordantes em números pessoais. Veja as figuras dos sinais: ACENDER/APAGAR, IR/VIR e AVISAR/ME AVISAR.



Fonte: Elaboração própria.



Fonte: Elaboração própria.

Orientação é a direção na qual a palma da mão aponta quando o sinal é gerado.



PARA CIMA

PARA BAIXO



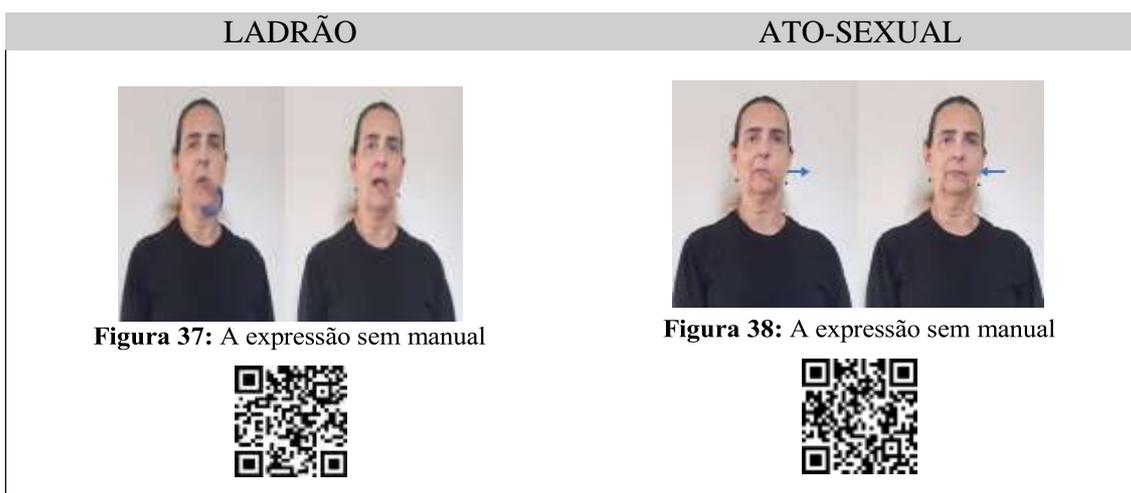
**Figura 34:** Seis tipos de orientação de palma da mão.  
 Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

### 2.3.5 Expressões Facial e Corporal (EXNM)

Muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados, em sua configuração, têm como traço diferenciador também o uso da expressão facial e/ou corporal, como os sinais SURPRESA e TRISTE por exemplo. Há, também, sinais feitos somente com as expressões, como exemplo podemos citar o uso da bochecha na sinalização dos sinais de LADRÃO e ATO-SEXUAL.



Fonte: Elaboração própria.



Fonte: Elaboração própria.

**Quadro 4:** Expressões não-manuais da língua de sinais brasileira (Quadros e Karnopp, 2004, pag. 61)

<b>ROSTO</b>
Parte superior Sobrancelhas franzidas Olhos arregalados Lance de olhos Sobrancelhas levantadas
Parte inferior Bochechas infladas Bochechas contraídas Lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas Correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha Apenas bochecha direita inflada Contração do lábio superior Franzir do nariz
<b>CABEÇA</b>
Balanceamento para frente e para trás (sim) Balanceamento para os lados (não) Inclinação para a frente Inclinação para o lado

Inclinação para trás
----------------------

<b>ROSTO E CABEÇA</b>
-----------------------

Cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas
--

Cabeça projetada para trás e olhos arregalados
--

<b>TRONCO</b>
---------------

Para frente
-------------

Para trás
-----------

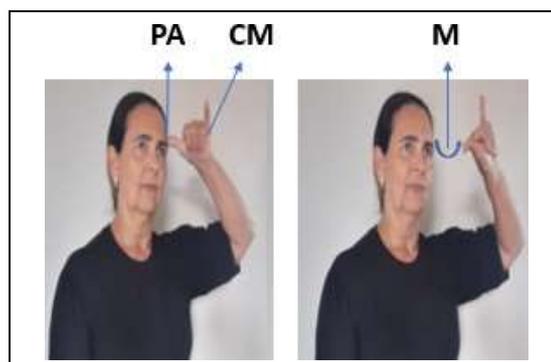
Balanceamento alternado dos ombros
------------------------------------

Balanceamento simultâneo dos ombros
-------------------------------------

Balanceamento de um único ombro
---------------------------------

Exemplo de com seus parâmetros:

Sinal: EVITAR



**Figura 39:** Os parâmetros são Configuração da mão (CM), Ponto de articulação (PA) e Movimento (M).

Fonte: Elaboração própria.

Com o uso de quatro ou cinco parâmetros combinados obtemos o sinal. Por isso, é extremamente importante observar cuidadosamente os sinais e seus parâmetros para reproduzi-los corretamente. Falar com as mãos é, portanto, o uso combinado destes elementos para formarem as palavras e estas formarem as frases em um contexto. As expressões se desenvolvem, ao longo do tempo, à medida em que se tornam fluentes em Libras.

## 2.4 História da Língua de Sinais em Recife

Recife é o município mais populoso da Região Metropolitana e, além disso, é a capital do estado de Pernambuco, localizado na Região Nordeste do País. De população no último Censo Demográfico Brasileiro de 2010<sup>2</sup> do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Recife tinha 1.537.704 habitantes. Segundo a pesquisa do IBGE, a população com deficiência auditiva no Recife era de 17.646 pessoas, sendo que 2.211 das pessoas disseram que não conseguia ouvir de modo algum e 15.435 dissera ter grande dificuldade para ouvir. Na década de 50, ainda não havia definidas as quantidades dos surdos pernambucanos em residências e nem o internato para aqueles que não residiam no Recife.

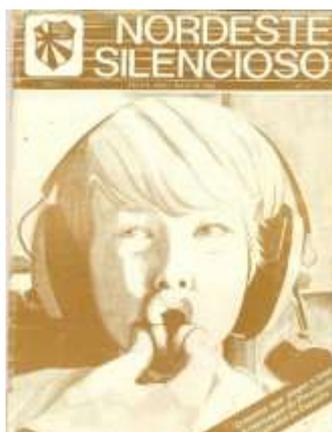
Nessa capital, a educação formal dos surdos iniciou-se no dia 15 de abril de 1952, com a fundação do Instituto Domingos Sávio Para Surdos, na Av. Conde da Boa Vista, nº 1437, que faliu em 2009. A Língua de Sinais já era usada por vários surdos recifenses, depois da contribuição do Padre Eugênio Oates, que aprendeu o alfabeto através das visitas de seu amigo Padre Vicente Burnier, o primeiro padre surdo do Brasil que morava em Juiz de Fora – MG. Por já saber a Língua de Sinais, os padres ensinavam muitas palavras para os alunos da escola, a direção não concordava, mas também não os impedia.

Desde 1946, o padre Eugênio Oates percorria o país, ensinando, fazendo catequese junto aos surdos e promovendo encontros religiosos. Padre Oates foi o autor do primeiro dicionário de Linguagem das Mãos, em 1969, auxiliando na aprendizagem da Língua de Sinais com a introdução de novos sinais aos alunos surdos recifenses. O trabalho religioso com os surdos, realizado por padres e freiras missionárias, também foi um caminho importante para o ensino e a aprendizagem da Língua de Sinais em Pernambuco.

O movimento de abertura de escolas objetivava a salvação das crianças surdas por meio da profissão de fé pelo recurso à fala. O oralismo foi a base da educação de surdos. Mesmo assim, esses espaços tiveram um papel importante na constituição da Libras no país. O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), embora não explicitamente religioso, teve também vários de seus agentes educacionais envolvidos com a Igreja Católica. O livro Linguagem das mãos, do padre Eugênio Oates (1969), registra no prefácio o engajamento do INES em sua publicação. Padre Eugênio Oates fez parte do movimento da Pastoral dos Surdos do Brasil. Seu dicionário é considerado um dos primeiros registros de sinais brasileiros que remetem à Libras. (QUADROS, 2019, p. 39).

---

<sup>2</sup> O censo 2022 não está em versão completa.



**Figura 40:** Capa da revista Nordeste Silencioso, nº 1, abril/maio de 1982, ano I.

Fonte: Revista Nordeste Silencioso.



**Figura 41:** Instituto Domingos Sávio para Surdos Mudos.

Fonte: Revista Nordeste Silencioso.



**Figura 42:** As diretoras de IDS: Irmã Josefina e Carmen Celso.

Fonte: Revista Nordeste Silencioso.



**Figura 43:** Padre Vicente Burnier visitou ao Recife e comemoração aos 30 anos de IDS.

Fonte: Revista Nordeste Silencioso.



**Figura 44:** 1º padre Surdo Vicente Burnier falecido em 16/07/2009, em Juiz de Fora, aos 88 anos. Ele foi o 1º padre Surdo da América Látina e viveu para catequizar os surdos. Mons. Burnier.

Fonte: [www.blog.cancaonova.com/](http://www.blog.cancaonova.com/) [www.cnbb.org.br](http://www.cnbb.org.br)



**Figura 45:** Minha primeira comunhão com Padre Burnier, Padre Oates e Irmã Josefina no IDS em 1976.

Fonte: Elaboração própria.



**Figura 46:** Instituto Domingos Sávio para Surdos, nº 1, maio de 1983, ano I.

Fonte: Revista Nordeste Silencioso.



**Figura 47:** Instituto Domingos Sávio para Surdos nº 1, maio de 1983, ano I.

Fonte: Revista Nordeste Silencioso.

O Centro Suvag de Pernambuco - SUVAG - é uma instituição privada sem fins lucrativos, foi fundada em 24 de novembro de 1977 por um grupo de pais e técnicos, preocupados com a reabilitação da audição e fala das pessoas surdas, nos 10 primeiros anos de atuação, foi usado apenas o método oralismo ou verbo-tonal, e, em 1993, passou a usar o bilinguismo, desde então, vem ajudando a comunidade surda e a todos que a procuram. Após dez anos do início de sua atuação, já se iniciavam as discussões sobre comunicação total, língua de sinais e formação em turmas especiais.

Foram percebidos, no Centro Educacional Bilingue – CEB, no Recife, em 1993, que é escola específica para a educação dos surdos, estabelece dois aspectos: o primeiro refere-se à importância do aprendizado de Libras com a primeira língua para surdos e o

segundo é mostrar como é importante a utilização do canal visual no aprendizado do português escrito.

O SUVAG funcionou há 39 anos, sendo que, nos 10 primeiros anos, somente foi usado o método realismo ou verbo-tonal, que passou, em 1993, a usar o bilinguismo, ajudando a comunidade surda e a todos que a procuram.

O envolvimento do aluno com a cultura da Língua de Sinais. A atual política educacional (Lei de Diretrizes e Bases da Educacional – Lei 9394/96) afirma que familiares, professores e alunos precisam estar envolvidos no processo educacional.

Antes não tinha a Lei de Libras e nem oficializada, os pais só se preocupavam em oralizar os surdos, a Libras não era conhecida e por esse motivo não tinham interesse em aprender a Libras e, em alguns contextos, ela era proibida.

O uso da Libras pelas comunidades surdas expressa seu modo essencialmente visual de estar no mundo e é certamente uma das características mais marcantes desse grupo de pessoas.

Visando suprir a necessidade de uma organização nacional que representasse os interesses de todas as pessoas surdas do país, em 16 de maio de 1977 foi criada a FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos) composta apenas por pessoas ouvintes envolvidas com a problemática da surdez, em 1987 fundou a FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, no Rio de Janeiro – Brasil, sendo que a mesma foi reestruturada da antiga ex-FENEIDA.

Em 1979, chega a Recife a irmã Virginia Barry, a convite de D. Helder Câmara, e se encontra com vários surdos de fora e dentro da escola que já usavam língua de sinais; ela era falante da língua de sinais americana - ASL e foi uma figura importante na fundação da Associação dos Surdos de Pernambuco - ASSPE (1985), na educação religiosa para surdos e na formação de intérpretes.

Em 17 de outubro de 1985, foi a fundação da ASSPE, uma entidade sem fins lucrativos que trabalha com a comunidade surda e atende principalmente ao esporte e lazer, em contato com as autoridades em geral, sendo responsáveis pela melhoria das condições de vida da sociedade, procurando aplicações na arte-cultura, turismo, social, lazer, ajudar e setores da educação. Promovendo um lugar de interação e excelentes diálogos com outros surdos através dos encontros, incentivando os movimentos de surdos em Pernambuco e representando a comunidade na defesa dos direitos e interesses dos surdos em sua luta. Atualmente a ASSPE não tem sede o que dificulta os encontros da comunidade surda prejudicando a divulgação da língua e cultura surda.

A atual política educacional (Lei de Diretrizes e Bases da Educacional – Lei 9394/96) afirma que familiares, professores e alunos precisam estar envolvidos no processo educacional.

Seguindo as orientações do Ministério da Educação - MEC, a Secretaria Municipal de Educação do Recife adotou o bilinguismo para os surdos, afirmando que a Libras é a primeira língua natural dos surdos e a segunda língua é o português. Reconhecida como sistema linguístico, a Libras, com os recursos de expressão a ela associados, foi aprovada na Lei Municipal nº 16.529, de 05 de novembro de 1999.

Foi utilizado o método qualitativo, com o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica, buscando a compreensão da historicidade dos surdos, na cidade do Recife. Também foi realizado um levantamento sobre a implantação da Língua Brasileira de Sinais – Libras no Recife. Finalmente foi implementada a busca de informações sobre o instituto Domingos Sávio para Surdos, em volumes da revista Nordeste Silencioso, com o intuito de se traçar o perfil de atuação desse instituto, durante a sua trajetória de existência. (SOUSA, 2021, p. 12).

Lei nº 11.686 de 18 de outubro de 1999 reconheceu oficialmente no Estado de Pernambuco a Língua Brasileira de Sinais - Libras, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente, e dispõe sobre a implantação desta como língua oficial na Rede Pública de ensino para surdos. Na cidade do Recife, a Libras foi reconhecida oficialmente através da Lei Municipal nº 16.918, de 28 de novembro de 2003, além de valorizar os demais recursos de expressão a ela associados, como língua de instrução e meio de comunicação objetiva e de uso corrente da comunidade surda.

Em 2002, no Recife foi fundada a Feneis do Escritório Regional de Pernambuco no Centro Educação e Estudos em Libras – CEEL, onde possui setores com instrutores de Libras, a fim de divulgar e promover cursos de Libras, minicursos em empresas, escolas municipais, oficina de Libras e palestras sobre história de Língua de Sinais e cultura.

Visando uma política de educação inclusiva, o Decreto Estadual nº 26.547 de 29 de março de 2004 instituiu o Centro de Apoio ao Surdo – CAS em Recife, que tem como missão garantir condições adequadas de acesso aos alunos surdos, ouvintes e surdo-cegos ao sistema escolar, além de formar professores de Libras, tradutores/intérpretes e instrutores surdos de Libras e outros profissionais que lidam na área dos surdos e seus familiares, um serviço que proporciona acessibilidade linguística à comunidade surda, trabalhando com o par linguístico Libras - Língua Portuguesa. Seus atendimentos são gratuitos, por agendamentos prévios, com foco nos serviços públicos comunitários,

presencial. O CAS tem por objetivo trabalhar propostas para a educação de surdos, no aspecto da formação continuada dos professores, oferecendo cursos de Libras e de Língua Portuguesa como segunda língua para estudantes surdos.

O curso técnico em Tradutor Intérprete em Libras é presencial oferecido pela Escola Técnica Estadual Almirante Soares Dutra ETEASD em Recife-PE, no Bairro de Santo Amaro, desde 2005. TILS não está envolvido no planejamento de aulas aproximadamente, a preocupação da gestão ou mesmo dos professores, de passar a esse profissional informações prévias quanto ao assunto e dinâmica das aulas. No processo interpretação é outro ponto comum em nossa pesquisa, como também a completa inexistência da figura do intérprete-apoio no ambiente profissional pesquisado.

É importante mencionar, também, a Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, preconiza que é dever do poder público ofertar a educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - Libras, na perspectiva de uma educação inclusiva, propondo um ambiente de educação bilíngue aos estudantes surdos e com deficiência auditiva, de 0 (zero) a 17 (dezessete) anos, em escolas e classes bilíngues e, em escolas inclusivas, em que se priorize a língua de sinais como primeira língua, e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua. Além disso, há o Decreto nº 28.587, de 11 de fevereiro de 2015, o qual institui as salas regulares bilíngues para surdos na rede municipal de ensino do Recife.

Finalizando, a seguir, são apresentados os pressupostos da Sociolinguística, com reflexões acerca do fenômeno da variação linguística com exemplos de variação diatópica (geográfica), diacrônica (histórica), diastrática (grupo social) e diafásica (situacional).

### 3 REVISÃO DA LITERATURA

Esta seção discutirá os pressupostos da Sociolinguística, a sua definição, com exemplos de variação linguística na língua de sinais em geral, e, mais especificamente, na Libras.

#### 3.1 Os pressupostos da Sociolinguística

Todas as sociedades têm uma linguagem com a qual seus indivíduos se comunicam. Como a linguagem está em constante evolução, devido ao fator inerente à linguagem natural, diferentes fatores serão responsáveis pela sua transformação ao longo do tempo. A Sociolinguística é uma corrente linguística que estuda a variação, a mudança e a heterogeneidade das línguas, em uso, na sociedade. Nessa visão, a língua é vista como instrumento de comunicação de uma determinada comunidade linguística, que manifesta práticas políticas, culturais, históricas próprias. Esse ramo dos estudos linguísticos realiza a observação, a análise e a descrição da variedade linguística. Como Alkmim (2008, p. 31) afirma, “é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”.

A Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação e Mudança, ou ainda Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana, é uma área de estudos proposta pelo linguista americano William Labov com a intenção de explicar a variação simultânea sistemática da língua em sociedade. O objetivo de Labov era estudar a estrutura e a evolução de uma língua dentro do seu contexto social. A visão de que a língua é heterogênea trouxe a percepção de que existem muitas maneiras diferentes de usar a mesma língua e que ela varia entre falantes ou grupos sociais.

Para ele, a variação faz parte de todas as línguas, um elemento que contribui para nova mudança, que não acontece instantaneamente, mas gradativamente, num processo transitório. Em uma entrevista, Labov (2007), quando perguntado sobre qual seria seu objeto de estudo, responde:

“a língua, o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em Variação Linguística. Existem outros ramos da Sociolinguística que estão preocupados primordialmente com questões sociais: o planejamento linguístico, a escolha pela ortografia oficial e outros que se preocupam com as consequências das ações de fala. Todas essas são importantes áreas de estudo, mas eu sempre tentei abordar as grandes questões da Linguística, como determinar a estrutura da linguagem – suas formas e organizações subjacentes – e conhecer o mecanismo e as causas da mudança linguística. Os estudos da linguagem usada

no dia-a-dia provaram ser bastante úteis para alcançar esses objetivos”. (LABOV, 2007, p. 02).

A Sociolinguística estuda padrões observáveis de comportamento linguístico dentro de uma comunidade linguística e os formaliza analiticamente por meio de um sistema heterogêneo composto de unidades e regras de transformação. Essas regras de variáveis são divididas em dependentes e independentes. As diferenças entre essas duas formas de investigação, sobretudo, registram a prioridade do estudo sincrônico e diacrônico.

A distinção de Saussure entre investigação diacrônica e sincrônica representa dois caminhos que separam a linguística estática da linguística evolutiva. Tudo está em sincronia, quando está no aspecto estático, tudo relacionado à evolução é diferente. Da mesma forma, sincronismo e assincronia designarão um estado de linguagem e um estágio evolutivo, respectivamente. (SAUSSURE, 1975, p. 96). Para Saussure, o linguista deveria estudar principalmente o sistema linguístico, observando como se configuram as relações internas entre os elementos em um determinado momento. Esse tipo de estudo é possível porque os falantes não têm informações sobre sua história de língua e não precisam de informações etimológicas sobre os termos que usam na vida cotidiana: para os falantes, a língua da realidade é seu estado sincrônico. (COSTA, 2010, p. 117-118).

O estudo do sincrônico da língua visa descrever um determinado estado dessa língua num período do tempo. Assim, é temporal, não estamos estudando a evolução da língua ao longo do tempo, apenas estudando um momento específico inserido nessa evolução, representando características estáticas e descritivas, referentes ao estado da língua naquele momento, estudando apenas as variações linguísticas que coexistem em um determinado momento, como variações regionais, sociais e situacionais, analisando a linguística como um conjunto fechado, exibindo a regularidade e homogeneidade própria de um dado momento. Sobre isso, Saussure (2006) expõe:

O começo e o fim de uma época são geralmente marcados por alguma revolução mais ou menos brusca que tende a modificar o estado de coisas estabelecido. (SAUSSURE, 2006, p. 118).

O estudo diacrônico busca estabelecer uma comparação entre dois pontos na evolução histórica de uma determinada língua. Assim, apresenta a evolução de desenvolvimento que as palavras sofrem ao longo do tempo, analisando as mudanças

ocorridas até à palavra atual, o contexto dinâmico e histórico que vai de encontro à origem da palavra, concentrando-se na evolução da língua, caracterizada pelo estudo da sucessão de diferentes diacronias e permitindo comparação.

A linguística diacrônica estuda, não mais as relações, os termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo. A imobilidade absoluta não existe ao comparar o que existe hoje com o que foram anteriormente. (SAUSSURE, 2006, p. 163).

Essas duas investigações foram originalmente evocadas pelo linguista Ferdinand Saussure, o qual defendia que a língua pode e deve ser estudada como uma realidade autônoma a todo momento, sem analisar processos, sua evolução. Ele afirma que, de fato, a única língua que o falante conhece é a língua atualmente ativa.

### 3.2 Variação Linguística

Esta variação é um fenômeno natural, que ocorre devido à diversificação dos sistemas de uma língua em relação à sua capacidade de alterar seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe). Ela existe porque a língua é caracterizada pela dinâmica e sensibilidade a fatores como região geográfica, sexo, idade, classe social do falante e o nível formal do contexto de comunicação. É importante notar que qualquer variação linguística é suficiente para satisfazer as necessidades comunicativas e cognitivas do falante. Portanto, quando julgamos errada determinada variedade, estamos fazendo um juízo de valor sobre seus falantes, e, portanto, agindo com preconceito linguístico.

As variações são mais influenciadas pela cultura, contexto, lugar, tempo e experiências individuais ou coletivas. Elas interagem com os ambientes em que se manifestam e são uma manifestação comunicativa e cognitiva dos falantes, possuindo regras e características próprias. Conforme Coelho (2010), existem quatro tipos de variação linguística: as variações diatópicas (geográficas), variações diacrônicas (históricas), variações diastráticas (grupos sociais), variações diafásicas (situacionais).

As variações diatópicas são aquelas que ocorrem devido a questões locais, ou seja, diferenças na fala de pessoas que vivem em locais diferentes. Por exemplo, *picolé* pode ser chamado de *gelado de palito*.

Variações diacrônicas são aquelas que sofrem variações ao longo do tempo, como, por exemplo, a palavra *você*, anteriormente conhecida como *vosmecê* e agora, em linguagem reduzida nos meios eletrônicos, é simplesmente “vc”. O mesmo acontece com a *pharmácia*, que agora se escreve *farmácia*.

Variações diastráticas ocorrem entre diferentes grupos sociais. As pessoas pertencentes aos grupos acabam determinando os usos linguísticos. Podemos usar como exemplo os magistrados, que usam palavras e expressões incomuns aos de fora desse grupo, como “*Ex nunc*” que significa “*desde agora*”.

Variações diafásicas ocorrem de acordo com o contexto situacional em que o falante se reconhece. Todos nós fazemos mudanças diafasicamente em nossas vidas diárias, e, quando a variedade não se adapta a situação, isso causa estranheza. Isso pode ser percebido, por exemplo, em: “Uma saudação para a minha progenitora” X “alô mamãe!”.

### 3.3 Variação linguística na Língua de Sinais

É de suma importância trazer nesta dissertação algumas ponderações sobre língua, linguagem e linguística, afim de complementar e de comprovar que a Libras também está inserida em tais parâmetros. De acordo com Saussure (1916):

Para atribuir a língua em primeiro lugar no estudo da linguagem, podemos fazer o argumento que a capacidade da faculdade - natural ou não - de expressar as palavras só se realiza com o ajuda de instrumento criadas e fornecidas pela comunidade; portanto, não é uma ilusão dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem. (SAUSSURE, 1916, p. 18).

Notamos que é necessário estabelecer o diálogo através do "coletivo" para que a língua seja plenamente utilizada, em Libras, a circulação da língua se estabelece pela comunidade surda, e dentro da comunidade surda que criar os sinais e a propaga. Existe um certo catálogo de sinais, seja por meio de dicionários ou periódicos, mas o que torna a língua viva e presente é o uso constante.

O que diferencia a língua de sinais das línguas “faladas/oralizadas” é o campo fonológico (auditivo), o ato de ouvir e a forma equivalente de resposta, porém, possuem uma estrutura baseada na língua natural, pois têm o mesmo alcance entre emissor e

receptor. Karnopp e Quadros (2007) apresentam o conceito de língua natural em seus argumentos.

[...] uma realização específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frase. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os usuários [...] (KARNOPP & QUADROS, 2007, p. 30).

Outra definição da naturalidade da língua de sinais é conceituada por Brito (1998, p.19), que afirma:

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. (BRITO, 1998, p. 19).

A mudança de sinais ocorre ao longo do tempo, da sociedade e de acordo com seu uso, pode ser comparada com a língua oral do português apenas na diferença de algumas palavras de acordo com a história social, como, por exemplo, a palavra “você”, em um determinado tempo, já foi: “vossa mercê, vossuncê, cê”. E, hoje, se olharmos para a área de mídia, resume-se a “vc”.

Trazendo a reflexão de Bagno de volta à Libras, também, há um mito por representar uma unidade única em todo o país, ainda que tenha a mesma origem, da notação LSF, sofreu transformações ao longo do tempo até se tornar o que hoje chamamos de Libras, e, até hoje, faz-se algumas contribuições para aumentar novos sinais, mas, como alguns deles serão produzidos sem que haja uma divulgação adequada para disseminação e uso, permite-se que variantes estejam presentes no mesmo (DANTAS, 2018, p. 64).

Mostrando que as variações linguísticas em Língua de Sinais têm várias mudanças históricas dos sinais e/ou onde veio, ao tempo de evolução dos sinais. Os tipos de variações linguísticas em língua de sinais diferenciam-se em quatro grupos, as autoras Fernandes e Strobel (1998) mostram o exemplo dos sinais de variações regionais, sociais e variações relacionadas a mudanças históricas. Em seguida, os exemplos de variação dos sinais que as autoras e Castro Júnior (2011, p. 69) apresentam:

As variações diatópicas, também conhecidas como variações regionais ou geográficas, ocorrem dependendo de onde o falante vive, sofrendo sua influência. Esse tipo de variação ocorre porque as diferentes regiões possuem culturas distintas, com hábitos, modos e tradições diferentes, estabelecendo, assim, diferentes estruturas linguísticas. Nesse sentido, as variações regionais indicam a diferença de sinalização de uma região para outra, por exemplo, é apresentado VIAJAR, representado nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, os termos são diferentes em cada região, como mostra a figura abaixo:



**Figura 48:** Sinal VIAJAR.

Fonte: Elaboração própria.

Os estudos dos processos de variação e mudança permitem estabelecer três tipos básicos de variação linguística, conforme Martelotta, et. al. 2013, p. 144 e 145 apud Castro Júnior, 2014, p.32:

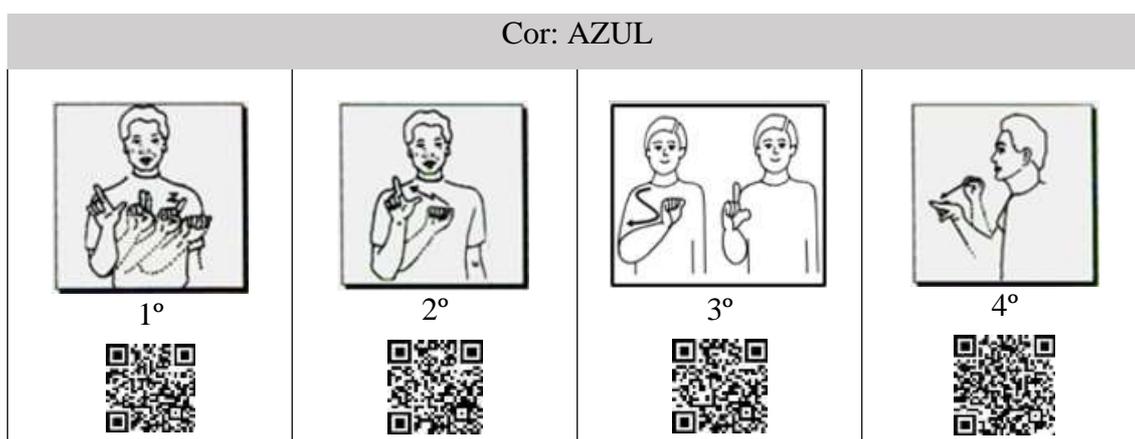
(a) Variação regional: associada a distâncias espaciais entre cidades, estados, regiões ou países diferentes, compreende a variável geográfica; (b) Variação social: associada a diferenças entre grupos socioeconômicos, compreende variáveis como faixa etária, gênero, grau de escolaridade, procedência, dentre outras; (c) Variação de registro: tem como variantes o grau de formalidade do contexto interacional ou do meio usado para a comunicação, como a própria sinalização. (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 32).

Apresentamos três tipos de variação como se ela agisse de forma independente, sem interferência de outras variáveis relacionadas ao comportamento da variação.

Em estudos sobre a “Gramática da datilologia”, Castro Júnior, em 2010, também percebeu que o alfabeto datilológico auxilia na intercomunicação entre duas línguas diferentes e possibilita a

comunicação, quando o usuário de língua de sinais domina uma modalidade escrita de uma língua oral e queira saber o sinal-termo para o termo referente em uma outra língua de sinais, quando não conhece o termo correspondente. (Castro Júnior, 2014, p.39).

O sinal de AZUL pode ser usado como um exemplo de como a mudança ocorre ao longo do tempo. Na primeira forma, no sinal de soletrando da letra A-Z-U-L feita com espaço neutro e movimento retilíneo de direita para a esquerda, a segunda forma do soletrando da letra A e L feita com espaço neutro e movimento angular de direita para a esquerda, a terceira forma da letra A e L feita com espaço neutro e o movimento zigue-zague, mão direita em letra A, palma para frente passiva e mudar para L ativa para frente; mover a mão direita para a esquerda e a quarta feita no sinal de configuração de mão com CM 🖐️ palma para frente passiva e mudar para CM 🖐️ palma para frente com pequeno rápido. Veja figura 49 a seguir:



**Figura 49:** Sinal AZUL com a mudança do tempo.  
Strobel e Fernandes, 1998, p.3.

Fonte: (1º, 2º e 4º) Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial – Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998 e (3º) Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngua Libras.

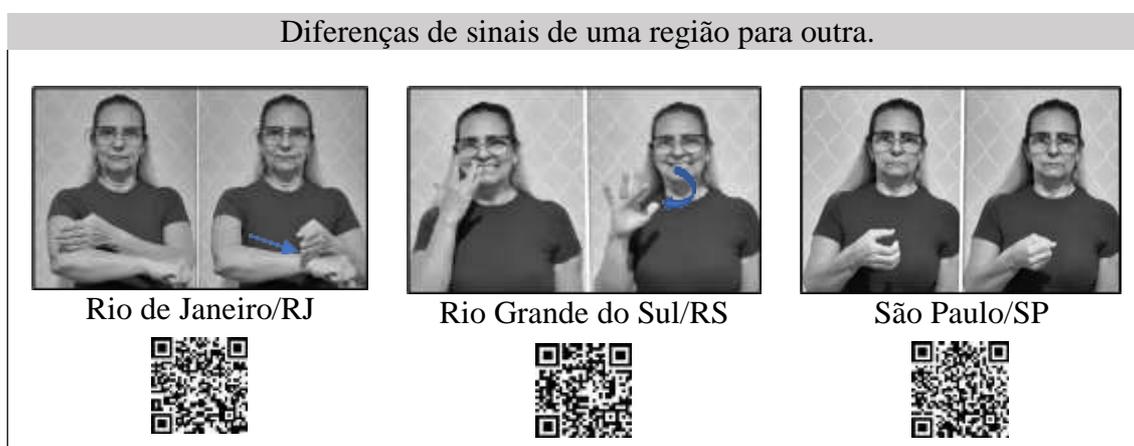
Nossos estudos confirmam que o alfabeto manual não é apenas um “mecanismo” alternativo utilizado quando não se tem sinal correspondente na tradução de uma linguagem oral para uma língua de sinais. Tanto quanto as expressões faciais, esse alfabeto faz parte da língua de sinais. Mesmo que no início esse alfabeto tenha tido a função de substituir a fala, aos poucos, foi-se tornando parte da língua de sinais. Alguns sinais são realizados com a digitação de algumas letras do alfabeto, como o sinal de AZUL, que se constitui no sinal do alfabeto digital da letra “A” e da letra “L”. (CASTRO JÚNIOR, 2014, 39-40).

O estudo Siple (1978) mostra as propriedades do sistema de percepção visual e limita a produção de sinais. A percepção visual é maior na área facial, pois é justamente nessa região que o interlocutor foca o olhar. Esta área muito nítida facilita a detecção de pequenas diferenças na forma, posição ou movimento da mão. Como expõe Castro Júnior (2014), os pesquisadores Bahan (1996) e Baker-Shenk (1993) observam que área de sinal inclui também tórax, e o usuário direcionaria seu olhar também para essa área, mas não acontece o que aumenta a importância de gramática, conhecimento pronunciado na face e na parte superior do corpo:

Várias questões com implicações na organização da gramática da datilologia nos estudos da variação linguística em Libras estão relacionadas com a pesquisa de situações em que a datilologia é desejável em Libras. Uma dessas sugestões é estudar como se dá o processo de evolução da datilologia na Libras. Uma das propostas leva em consideração a seguinte evolução linguística: datilologia → sinais soletrados → processos datilológicos → sinal-termo na Libras → variantes em Libras → convencionalização → padronização. (CASTRO JÚNIOR, 2014, p.41)

Em vista das argumentações expostas acerca da gramática da datilologia, é necessário destacar, algumas recomendações linguísticas que servem de base para sustentar e delimitar os estudos em língua de sinais, em que i) “a utilização” da datilologia tem de ser feita de forma correta, na quantidade exigida para um registro terminológico e para a compreensão dos fenômenos de língua e de linguagem; ii) a Libras deverá ser corretamente empregada, para evitar os erros terminológicos de registros lexicais, até onde a fonologia, a morfologia, a sintaxe, e a semântica da Língua de Sinais Brasileira – Libras possibilitam, de modo autônomo, a elaboração de sinais-termo, com vistas à total compreensão do significado; iii) todos os procedimentos de datilologia são discutidos por quem tem a Libras como Língua 1 – L1. (CASTRO JÚNIOR, 2014, p.54).

Outra representação de variações de sinais de uma região para outra num mesmo país é o sinal da cor branca:



**Figura 50:** Sinal Cor BRANCA.

Fonte: Elaboração própria.

Representa três formas de sinais de cor BRANCA, exemplo de configuração de mão de Rio de Janeiro/RJ, mão direita com letra B e mão esquerda com letra S, passar o dorso direito dedo mínimo ativa sobre o antebraço esquerdo passiva, de cotovelo até o pulso. Segunda forma, Rio Grande do Sul/RS, uma mão de configuração de mão com movimento de girar para frente da boca. E a última forma de São Paulo de uma mão direita para cima de abrir e fechar ligeiramente a mão.



**Figura 51:** Exemplo de variação regional.

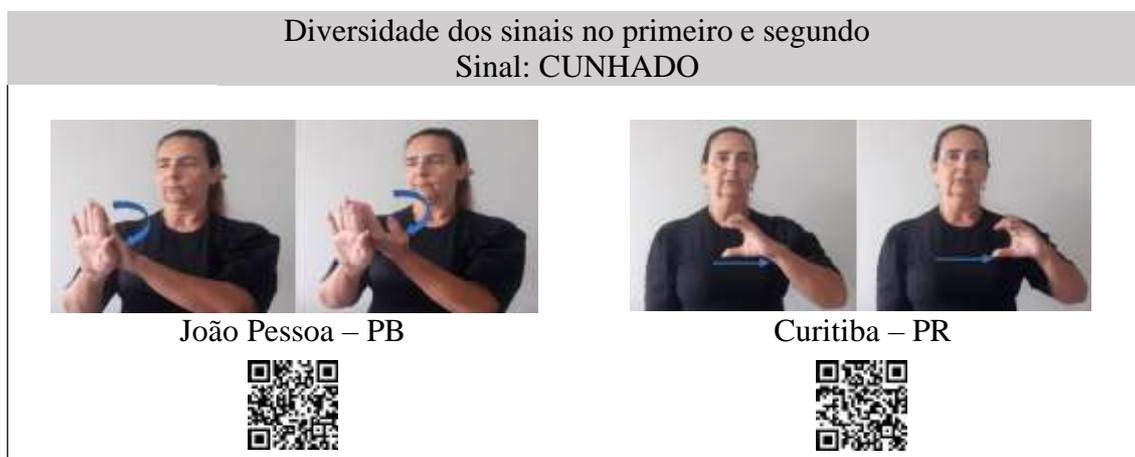
Fonte: Elaboração própria.

As variações de regionais dos sinais de Pernambuco, Paraíba e Minas Gerais do sinal IRMÃO são diferentes, no primeiro sinal, Recife/PE, envolve a utilização das duas mãos, uma ativa, e devem apresentar configurações das mãos iguais e movimento de forma alternada para frente e para trás. Segundo sinal, João Pessoa/PB, onde as duas mãos possuem diferentes configurações das mãos, onde a mão esquerda aberta e dedos fechados, e a direita ativa, tocando a ponta do indicador direito, girando na palma esquerda. Terceiro sinal, Belo Horizonte/MG, uma mão de configuração em 🖐️ em movimento alternado dos dedos para cima e baixo.

As variações regionais têm dialeto no ambiente de cidade e influência a comunicação com a família e os amigos que podem utilizar diferentes variantes regionais à comunicação para a comunidade surda.

Na ilustração 51, pode-se observar que a transformação lexical ocorre em estados diferentes (como comparar o sinal “IRMÃO” usado em Recife/PE, em João Pessoa/PB e Belo Horizonte/MG) e, também, no mesmo estado, dependendo da comunidade falada em cada estado ou região (como, no exemplo, da palavra CUNHADO). Essa questão é

importante porque em algumas situações alguns sinalizadores da língua de sinais resistem em aceitar a diversidade e acabam dizendo "essa notação está errada ou esse símbolo não existe, mas na verdade são variações da língua". (GESSER, 2006, p.76).

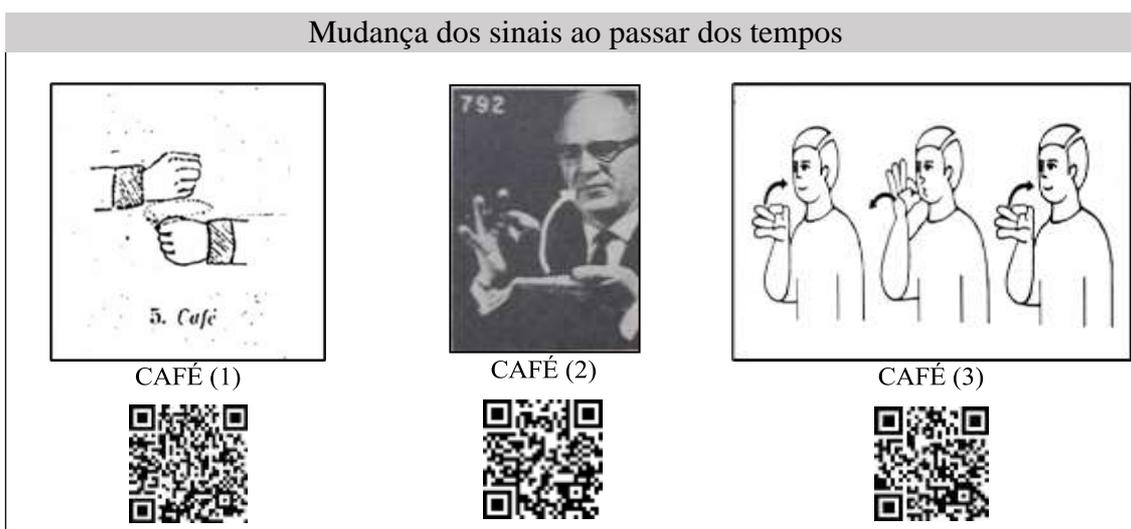


**Figura 52:** Exemplo de sinais de diversidade.

Fonte: Elaboração própria.

O sinal CUNHADO, na figura 52, pode ser de duas formas, a primeira apresenta duas mãos de configurações das mãos iguais, uma mão direita ativa e mão esquerda passiva com a palma para frente. A segunda forma, uma mão de configuração de mão, uma mão direita em C, palma para frente da esquerda para a direita. Articulação a mesma posição e configuração de mão e movimento são diferentes.

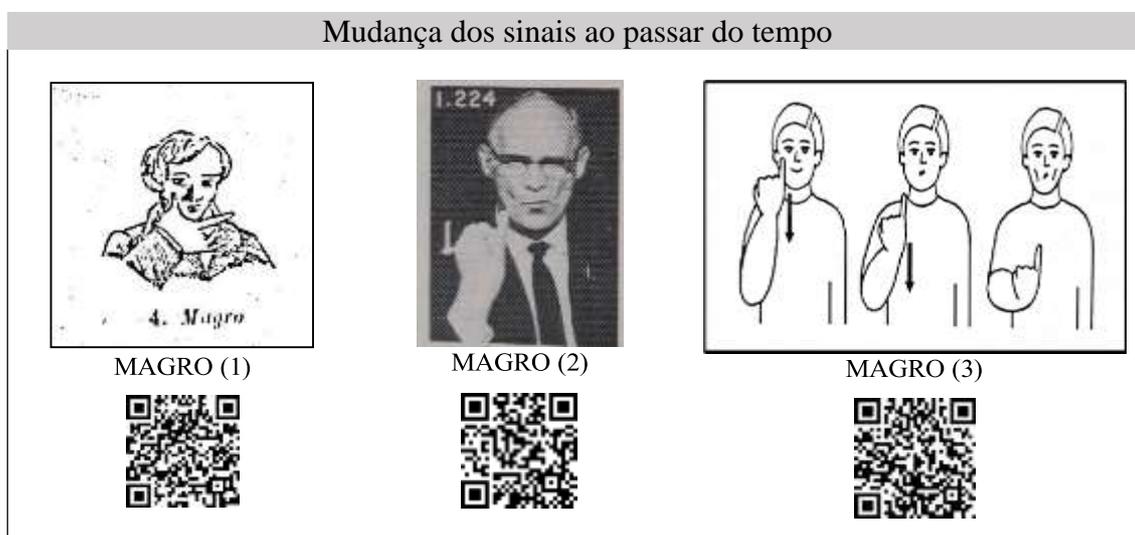
As variações diacrônicas, também conhecidas como variações históricas, são variações que ocorrem ao longo de diferentes períodos de tempo, vivenciados pelos falantes, que as distinguem do antigo ao moderno, bem como algumas palavras que atualmente não são mais utilizadas. Essas variações podem ser apresentadas, com modificações, ao longo dos anos, pois, conforme o tempo, os sinais podem mostrar a diferença em seu desempenho.



**Figura 53:** Sinal CAFÉ.

Fonte: (1) Iconographia de Sinais, (2) Linguagem das mãos e (3) Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Libras

Contando com três referenciais de épocas diferentes para comprovar a mudança do sinal CAFÉ em Libras, por exemplo, sinais feitos para representar o conceito de café, a mudança da forma de configuração, o uso de duas mãos no primeiro e no segundo até, por último, uma mão. Diniz (2011, p. 103) relata que “o sinal Café ganhou a nova forma lexical, porém com mesmo significado” e mostrado (2) apenas perdeu uma mão passiva.



**Figura 54:** Sinal MAGRO.

Fonte: (1) Iconographia de Sinais, (2) Linguagem das mãos e (3) Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Libras

Três formas de tempos diferentes, a mudança do sinal MAGRO, em Libras, por exemplo, o sinal que representa o conceito de magro, na primeira e segunda posicionadas

na bochecha, mas diferem a configuração de mão, e, finalmente, a terceira, onde a mão se movimenta do ombro à cintura.

Conforme Diniz (2011, p. 55) explica, “a mudança diacrônica revela a importância do desenvolvimento social e histórico da língua, bem como do desenvolvimento propriamente linguístico da língua”.

As variações diastráticas, também conhecidas como variações sociais, são as que ocorrem de acordo com os hábitos e culturas de diferentes grupos sociais. Esse tipo de variação ocorre porque diferentes grupos sociais possuem conhecimentos distintos, modos de atuação e sistemas de comunicação. A variação social refere-se a variações na configuração de mão ou movimento, em vez de mudanças no significado do sinal.

Um exemplo de transformação social é o uso dos verbos AJUDAR e CONVERSAR considerados “sociais” por Strobel e Fernandes (1998). Neste caso, a configuração de mão ou movimento não altera a direção do sinal, veja na figura 55.

Para as variantes do termo AJUDAR, ambas são feitas com as duas mãos, sendo uma ativa e a outra passiva. Primeira forma de duas mãos na mesma configuração da mão 🖐️ ativa é a mesma configuração de mão 🖐️ passiva, a segunda forma de duas mãos de configuração de mão diferente uma mão direita 🖐️ ativa e outra mão esquerda passiva de configuração de mão 🖐️ e a terceira de duas mãos de configuração de mão 🖐️ ativa com movimento retilíneo três vezes e a outra mão esquerda passiva de configuração de mão 🖐️ com expressão facial. Que se caracteriza como mão de apoio para realizar o sinal, a configuração da mão é diferente, veja a figura 55:



**Figura 55:** As variantes do termo AJUDAR

Fonte: Elaboração própria.

As variantes do termo CONVERSAR são feitas com duas mãos: uma ativa e outra passiva. Primeira forma de duas mãos de configuração de mão diferente da outra mão esquerda, mão ativa com configuração de mão 🖐️ e outra mão passiva com configuração de mão 🖐️, a segunda forma de duas mãos com a mesma configuração de mão 🖐️ e 🖐️ de mão direita ativa e outra mão esquerda passiva e a terceira forma de mão direita ativa com configuração de mão 🖐️ e mão esquerda ativa com configuração de mão 🖐️ e os movimentos circular, que se caracteriza como mão de apoio para realizar o sinal, a configuração da mão é diferente e o mesmo movimento circular. Veja a figura abaixo:



**Figura 56:** As variantes do termo CONVERSAR.

Fonte: Elaboração própria.

As variações diafásicas, também conhecidas como variações situacionais, ocorrem de acordo com o contexto ou situação em que a comunicação ocorre. Há momentos em que é usado um registro oficial e há momentos em que é usado um registro informal.

A língua portuguesa é “uma unidade composta de muitas variedades”. Portanto, dizer que todos os brasileiros falam o mesmo português é mentira, assim como é falso dizer que todos os surdos usam o mesmo sinal de Libras. Afirmar essa unidade é negar a diversidade da língua, quando, de fato, nenhuma língua é uniforme, homogênea. As variações podem ocorrer nos níveis fonológico (pronúncia), morfológico (palavra) e sintático (sentenças) e estão relacionadas aos fatores sociais como idade, sexo, raça,

educação e localização geográfica. Então, adultos e adolescentes surdos diferem no uso de seus sinais, como os surdos cearenses, paranaenses, cariocas, que não são atualizados a respeito dos sinais, podendo até ouvir frases como, "esses sinais são 'velhos', do tempo dos avós" ou "Nesse lugar se fala diferente", no entanto, essa diferença não deve ser considerada um erro (GESSER, 2009, p. 39).

Conforme Gesser (2009, p. 39), a língua de sinais é transmitida, literalmente, de mão em mão, adquire novos sotaques, empresta e integra novos sinais, mistura-se com outras línguas em contato e adquire novas roupagens. O fenômeno da variação e da diversidade está presente em todas as línguas vivas e, em desenvolvimento, na prática social do uso da linguagem entre surdos/surdos e surdos/ouvintes, podemos ver o multilinguismo (sinais omitidos e sinais combinados com a modalidade), as marcas de heterogeneidade dos sinais dos surdos cegos, dos índios, dos ouvintes, conhecendo (ou não conhecendo) os surdos, os surdos catarinenses, paulistas, pernambucanos, ou seja, falando diferentes línguas em Libras.

A variação informal ocorre quando o sinal não se preocupa com o uso das normas gramaticais, e, no formal, há uma grande preocupação com as normas e com o uso de vocabulário rico e variado. Nesse sentido, como expõe Machado (2016, p. 98), a Libras pode ser utilizada tanto em ambientes formais quanto informais, dependendo do contexto em que o sinal se encontra ou da necessidade de fala, de modo que as variações estejam sempre presentes. Situações formal e informal:



**Figura 57:** situações de comunicação.

Fonte: Elaboração própria.

**Figura 58:** situações de comunicação.

Fonte: Elaboração própria.

O sinal de Doce (1), quando sinalizante de frase: “Você quer o pedaço de doce?” Com a expressão suave. Outro exemplo (2): “Safada, aquela pessoa faz bem docinho!”.

A variante diafásica é uma situação de contexto sinalizada na comunicação dos surdos. Enquanto a sinalizante faz o sinal *Morrer* (1): “Uma pessoa morreu”, e sinaliza de outra forma na frase (2): “O meu celular morreu”.



**Figura 59:** situações de comunicação.

Fonte: Elaboração própria.

**Figura 60:** situações de comunicação.

Fonte: Elaboração própria.

As figuras 59 e 60 estão mudando de variante, como contexto do ambiente informal, quando a pessoa faz a sinalizante com o sinal Superior a Inferior. Com o tempo mudando, para facilitar a comunicação, de forma mais rápida, no contexto, houve mudança nos sinais de *Maduro* e *Ignorante*.

Dentre os fatores que influenciam no uso do formal e do informal, podemos destacar a influência histórica de cada geração, também como os acontecimentos gerados através da língua pela sociedade e as variações históricas, regionais e sociais, além de suas relações presentes nas classes sociais, ou seja, os surdos mais velhos que costumam preservar as formas antigas de sinalização, as formas mais escolarizadas, ou seja, de prestígio social e variações entre as classes sociais influenciam as alterações nos itens lexicais assim como a relação das diferenças de idade, escolaridade e sexo (masculino e feminino) e as distinções das formas estigmatizadas, não estigmatizadas, neutra ou não marcada.

## 4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Em uma primeira parte, optou-se pela metodologia quantitativa e qualitativa, com o desenvolvimento de um estudo de referências na perspectiva de compreender a história da língua de sinais na cidade do Recife. Também foi realizado um levantamento sobre a implantação da Libras nesta mesma localidade. Por fim, foi realizada uma busca de informações sobre o Instituto Domingos Sávio para Surdos, nos volumes da revista Nordeste Silencioso, com o objetivo de traçar registros das atividades do Instituto durante sua existência. O *corpus*, elaborado com surdos da cidade do Recife, foi originalmente uma introdução com dados de quatro entrevistas<sup>3</sup> com informantes surdos do Instituto Domingos Sávio para Surdos.

A seleção do referido *corpus* se deu por tal instituto ser linguisticamente importante para o desenvolvimento da Libras na cidade do Recife, que desde sua criação tem servido como referência linguística para a comunidade surda. Os dados obtidos nas entrevistas servem tanto para fazer um pequeno resgate histórico da Libras na cidade, quanto para analisar as sinalizações em Libras produzidas nesses tempos. A filmagem e o registro fotográfico de outros informantes surdos residentes em Recife também foram realizados, seguindo um processo de coleta de dados detalhado, foram verificados vídeos disponíveis na internet, bem como um dicionário em formato de QR-CODE, para coletar dados para esta cidade.

Na segunda parte, são apresentados os resultados, com base nas observações feitas, a partir dos dados do desfecho do estudo, para verificar se há manifestação de variação diatópica. Para analisar os resultados, buscou-se o embasamento teórico, abordando tanto a estrutura linguística de Libras, quanto o fenômeno da variação linguística, para então verificar os elementos constituintes dos sinais e assim delinear os critérios distintivos entre as variantes, indicando em que nível ocorrem. Deve-se ressaltar que trabalhos sobre esses temas ainda são escassos de pesquisa.

É importante destacar que o presente trabalho está pautado em sinais próprios de Recife, uma vez que existem outras catalogações de outros estados, em seguinte, apresentaremos alguns problemas de análise do *corpus* como, por exemplo, dois

---

<sup>3</sup> Sendo que a pesquisa não possui dados nem autorização realizado pelo comitê de ética. Há entrevista que será concedida em anexo.

dicionários: *Linguagem das Mãos*, de Eugênio Oates, e *Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras)*, de Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael, manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em rede para surdos entre outros.

#### 4.1 O corpus da Pesquisa

##### (b) Entrevista dos surdos de Instituto Domingos Sávio para surdos – IDS

A coleta de dados envolveu as participações de quatro sujeitos surdos moradores da cidade de Recife que eles conhecem os sinais utilizados no passado, sendo estratificados quanto ao sexo e à idade, conforme mostrado no quadro 5:

**Quadro 5:** Estratificação da amostra

<b>Sexo</b>	<b>Número de informantes</b>	<b>Faixa etária</b>
<b>Masculino</b>	1	60
<b>Feminino</b>	3	50 a 64

Fonte: Dados da pesquisa

Dessa amostra, duas informantes participaram da entrevista para a análise dos dados foi de surdos sinalizantes que tivessem tido contato com a Língua de Sinais que é realizada em Recife, a partir do Instituto Domingos Sávio para Surdos – IDS e que eles residissem na cidade do Recife.

Os surdos recifenses têm sido utilizados por diferentes sinais, o que gera algumas preocupações, pois muitos símbolos não estão listados e podem ser perdidos por falta de registro. Esses estudos se encaixam muito bem com os registros históricos e marcos sociais da comunidade surda.

É importante ressaltar que todas as imagens da análise foram produzidas por mim, com intuito de valorizar e representar a cultura surda recifense.

#### 4.1.1 Dicionário de Linguagem das Mãos

O segundo dicionário, Linguagem das Mãos, de 1969, pode ser visto na Figura 59.



**Figura 61:** Capa do dicionário Linguagem das Mãos.

Este dicionário foi produzido pelo padre Eugenio Oates, missionário americano ouvinte e membro da Congregação Redentorista. Ele veio ao Brasil em 1946 para servir em caridade à população brasileira, viajando, para isso, de norte a sul. No prefácio do dicionário, Oates afirma que conheceu as comunidades surdas por todo o Brasil, pesquisando o que ele chamava de mímicas e gestos, que, de fato, constituíam os sinais da Libras de sua época em variação regional. A pesquisa de Oates pôde ser realizada graças a pesquisa e coleta dos sinais com os líderes de comunidades surdas brasileiras, como o padre Vicente Punido Burnier, líder e educador surdo da comunidade surda de Florianópolis, em Santa Catarina. No final do prefácio, há Línguas de Sinais nas páginas, contendo a figura de uma ou duas mãos com os nomes de cada, para facilitar ao leitor a leitura da descrição dos sinais, que aparecerão ao longo das línguas de sinais.

Ao final no prefácio, o dicionário traz uma página, contendo a figura de uma mão, com os nomes de cada dedo para facilitar ao leitor a leitura da descrição dos sinais que aparecerão ao longo do dicionário. Ainda antes das páginas referentes ao vocabulário,

uma outra com 28 letras e também com acentos, tem 325 páginas do dicionário contém 15 seções, 1.212 sinais com 1.276 verbetes.

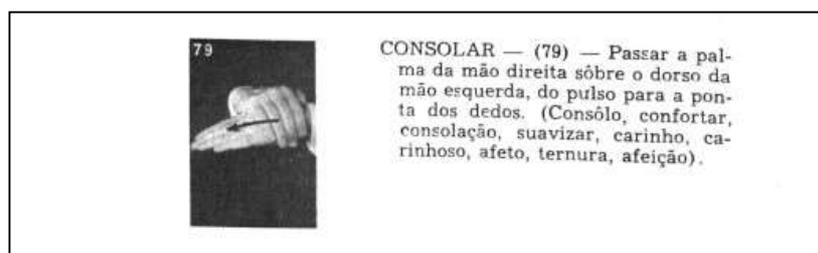
A figura 62 traz alguns sinais fotografados, retirados da página 33, a título de ilustração, veja abaixo os sinais e descrições verbais.



**Figura 62:** Uma página do dicionário de Oates.

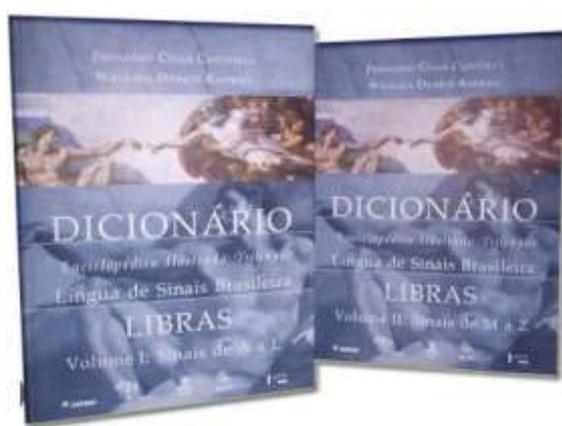


**Figura 63:** Sinal CONSERTAR com descrição verbal de Linguagem das mãos com três fotos.



**Figura 64:** Sinal CONSOLAR com descrição verbal de Linguagem das mãos com uma foto.

#### 4.1.2 Dicionário de Capovilla



**Figura 65:** Volumes I e II de dicionários de Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Libras, 2001.

O dicionário foi produzido pelo professor Fernando César Capovilla e pela psicóloga Walkiria Duarte Raphael, em dois volumes, com verbetes em língua de sinais da forma exata como cada sinal é articulado por meio de ilustrações que retratam a articulação das mãos, o local da articulação e a expressão facial associada. Ao final no prefácio, o corpo do dicionário contém os sinais que correspondem 9.500 verbetes para facilitar leitura da descrição dos sinais que aparecerão com parâmetros de Libras do dicionário.

A figura 66 traz alguns sinais fotografados, retirados da página 268, a título de ilustração, veja abaixo dos sinais e descrições verbais:



**Figura 66:** Uma página do dicionário de Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Libras.



**Figura 67:** Sinal BANANA com descrição verbal de Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Libras com três desenhos.

A análise do dicionário mostra claramente o desenvolvimento dos dicionários de língua de sinais, as comparações devem explicar os tempos das categorias IDS, OATES e Capovilla.

A metodologia de pesquisa foi de natureza quali-quantitativa para quantificar alguns dados da amostra e examiná-los para verificar as variantes apresentadas pelos informantes pesquisados em Recife, que diferem dos sinais dos vídeos produzidos na cidade do Recife,

que visa encontrar a variação diatópica (variação regional ou geográfica) exibida por pessoas de lugares diferentes, mas falando a mesma língua.

Essas diferenças podem ser devidas a costumes ou culturas locais. Baseou-se na pesquisa em sociolinguística variável, iniciada pelo pesquisador William Labov (2008), que vê a linguagem como heterogênea e dinâmica, e assim capaz de produzir variação considerando os fatores sociais apresentados pela comunidade de fala.

Para coletar os dados analisados a seguir, este trabalho foi dividido em três partes. O primeiro objetivo foi levantar informações históricas e linguísticas sobre as línguas de sinais na cidade do Recife. E, em segundo, uma análise de dois dicionários de língua de sinais produzidos por Oates e Capovila em diferentes sinais, por exemplo, por instituições como o IDS-Instituto Domingos Sávio para Surdos, sendo reproduzidos por mim disponibilizados em formato de QR-CODE. O objetivo dos vídeos utilizados neste trabalho foi auxiliar na observação das possíveis manifestações linguísticas de variações diatópicas entre os dicionários.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

A variação linguística em Libras do Recife é um estudo da língua de sinais, os surdos têm sido utilizados por diferentes sinais, o que gera algumas preocupações, pois muitos símbolos não estão listados e podem ser perdidos por falta de registro. Esses estudos se encaixam muito bem com os registros históricos e marcos sociais da comunidade surda.

Os primeiros sinais foram relatados no Recife em 1952, surdos que estudaram no Instituto Domingos Sávio - IDS para Surdos usavam alguns sinais, embora esses sinais não fossem permitidos. Toda vez que usavam esses sinais, eram repreendidos por pessoas que diziam “é feio usar esse sinal”. E muitos sinais mudaram ao longo do tempo, como a influência de surdos dos outros estados. São quatro surdos com vivências diferentes, entre 50 a 70 anos de idade, que estudaram na escola IDS de Recife para conhecer os sinais utilizados no passado e catalogar essas variações linguísticas no decorrer do tempo.

Essas diferenças podem ser devidas a costumes ou culturas locais, como mostram as pesquisas em sociolinguística variável, lideradas pelo pesquisador William Labov (2008), que vê a língua como heterogênea e dinâmica, e assim capaz de gerar variação, levando em consideração os fatores sociais apresentados pela comunidade de fala. Para coletar os dados analisados a seguir, este trabalho foi dividido em duas partes.

A primeira parte, visando coletar informações históricas e linguísticas da Libras em Recife, a segunda parte, análise do vídeo de Libras produzido em diferentes mídias como o Instituto Domingos Sávio para Surdos - IDS por sinalizantes para utilizada de pesquisadora com o \*[QR-CODE](#). O objetivo dos vídeos utilizados neste trabalho foi auxiliar na observação de possíveis manifestações linguísticas de variações na cidade do Recife.

### 5.1 Análise comparativa dos dados

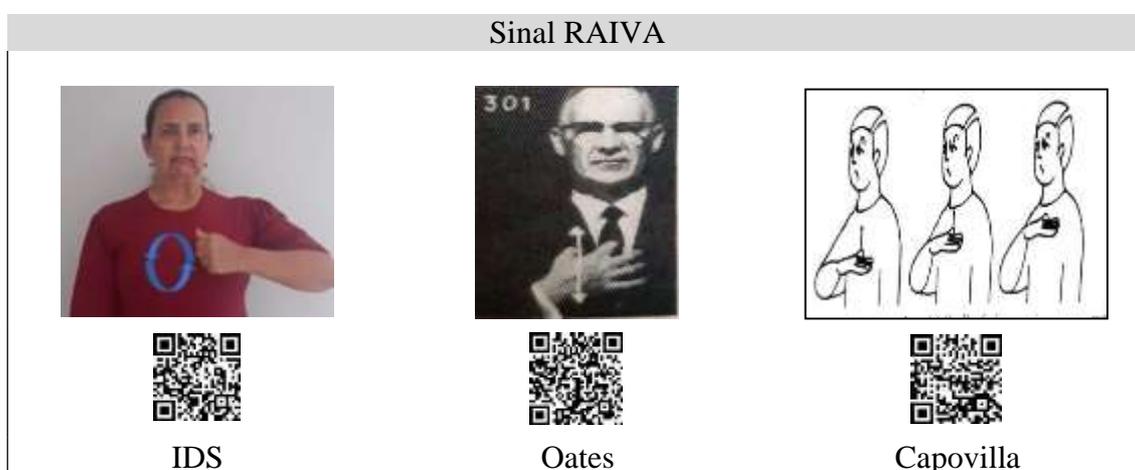
#### 5.1.1 Variação de diferentes parâmetros em Libras

Na primeira categoria, os sinais em Variação de diferentes parâmetros em Libras para descrever como alguns sinais podem assumir diferentes formas em novos contextos. Uma pesquisadora do IDS e dois dicionários OATES e CAPOVILLA apresentam o processo

de alteração de parâmetros em Configuração das mãos (CM), locação (LOC), movimento (MOV) e orientação da palma (OP). Observar os exemplos de um sinal dos três dicionários para cada parâmetro que foi alterado do decorrer do tempo.

#### 5.1.1.1 Sinais que mudam a forma de CM:

Estas são formas das mãos, que podem ser usadas em CM ou outras formas feitas por uma mão ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizador. Os sinais variantes para RAIVA, ORGULHO e SUOR têm posicionamento das mãos diferentes e são aplicados no peito, na testa direita e esquerda e no espaço neutro. Veja as figuras 68, 69 e 70:



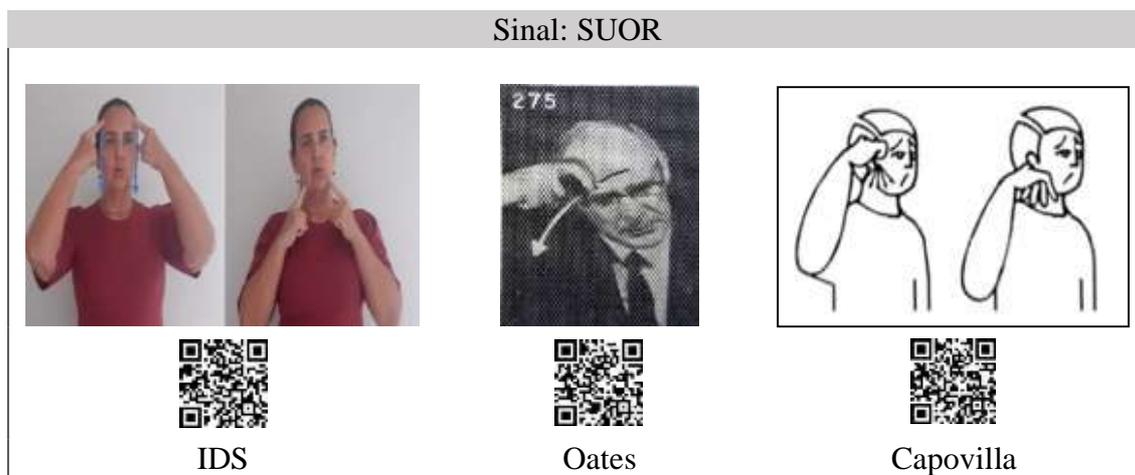
**Figura 68:** Sinal RAIVA que muda a forma de CM e a mesma locação em cada dicionário.

Uma mão da configuração de mão em cada sinalizadores diferentes e posições diferentes.



**Figura 69:** Sinal ORGULHO que muda a forma de CM e locação diferente em cada dicionário.

Duas mãos da configuração de mão dos autores IDS e Oates e uma mão de Configuração de mão do autor Capovilla e as três posições são diferentes.

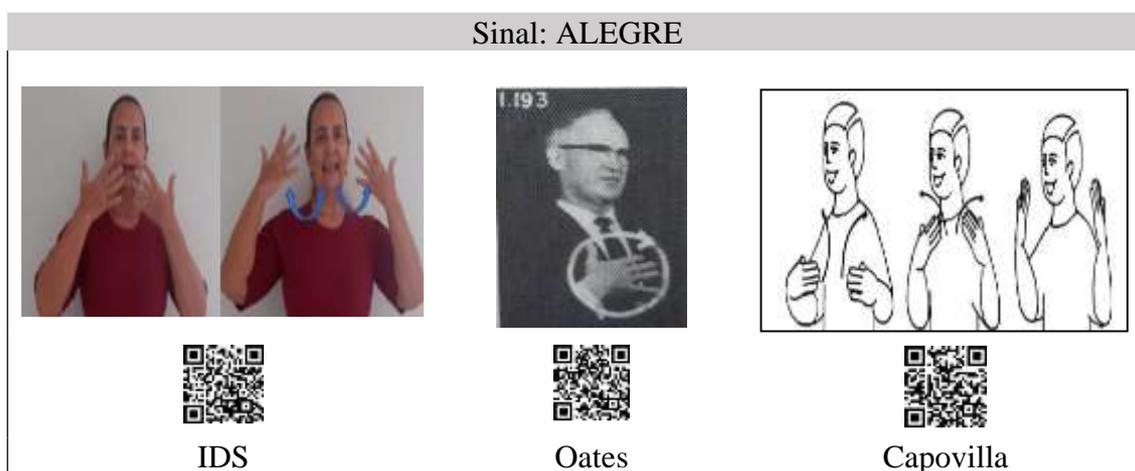


**Figura 70:** Sinal SUOR que muda a forma de CM e locação diferente em cada dicionário.

Duas mãos de sinalizador de IDS e Oates e Capovilla que mudam os sinalizadores de CM de uma mão.

#### 5.1.1.2 Sinais que mudam a forma do PA:

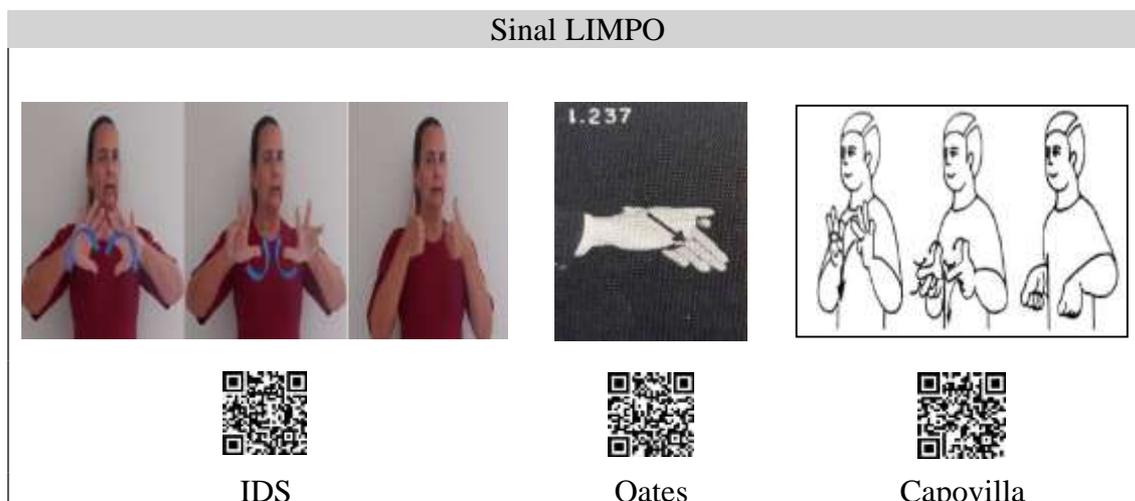
É o ponto onde fica marcado na área corporal ou espaço de articulação definido pelo corpo onde a marca se articula ou próximo a ele. Os Sinais de ALEGRE, LIMPO e ORGULHO são feitos nas bochechas, peito, espaço neutro.



**Figura 71:** Sinal ALEGRE que muda a forma de PA em cada dicionário.

Estes sinais passam pelo processo de realocação, mantendo a mesma CM em três dicionários, duas mãos a mesma CM de IDS e Capovilla, e Oates com uma mão de CM.

Apenas diferentes, os três são IDS, têm feitos nas bochechas, de Oates no peito e da Capovilla no peito e no espaço neutro.



**Figura 72:** Sinal LIMPO que muda a forma de PA em cada dicionário.

Estes sinais passam pela mudança de PA, são espaço neutro, e diferente de CM em três dicionários.

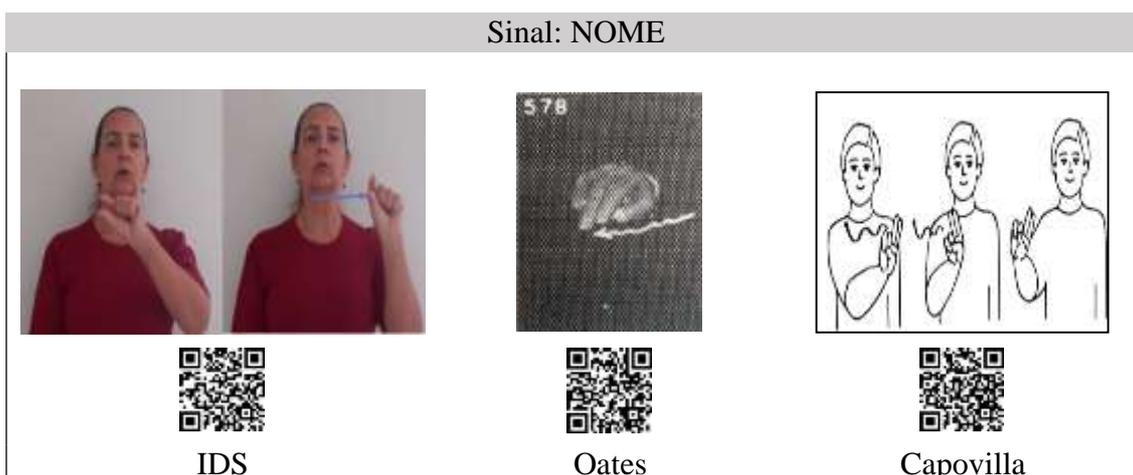


**Figura 73:** Sinal ORGULHO que muda a forma de PA em cada dicionário.

As formas da PA mudam no espaço neutro e no peito, e CM mudam em cada dicionário.

#### 5.1.1.3 Sinais que mudam a forma do M:

Os sinais têm os tipos de movimento, mostrando das mãos no espaço neutro, na cabeça e no rosto. Por exemplo: Os sinais NOME, SONHAR e OURO.



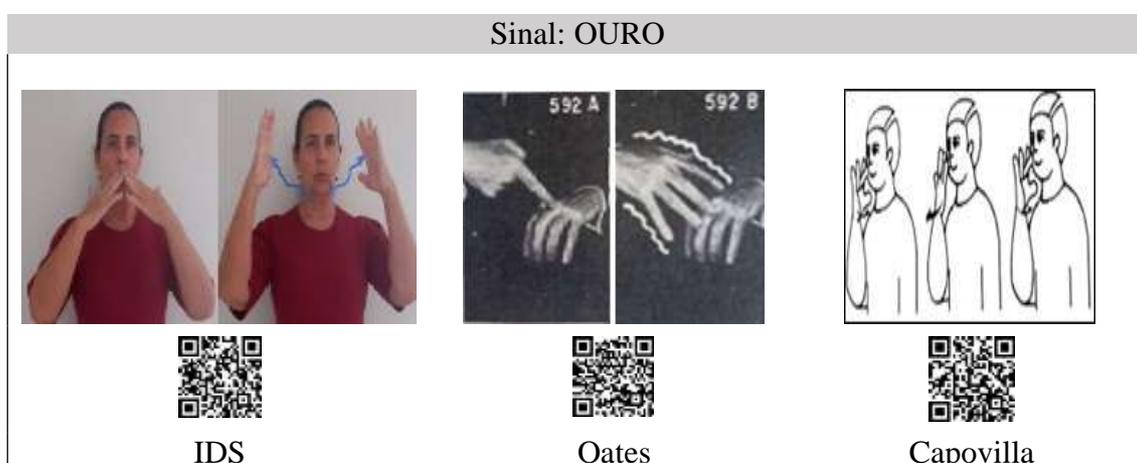
**Figura 74:** Sinal NOME que muda a forma de M em cada dicionário.

Esta forma de sinal é produzida a partir dos três tipos de movimento, retilíneo, angular e sinuoso, que tiveram poucas mudanças de movimento dos três dicionários.



**Figura 75:** Sinal SONHAR que muda a forma de M em cada dicionário.

Os três sinais apresentam diferentes movimentos, circular e sinuoso, e as mesmas posições de testa.

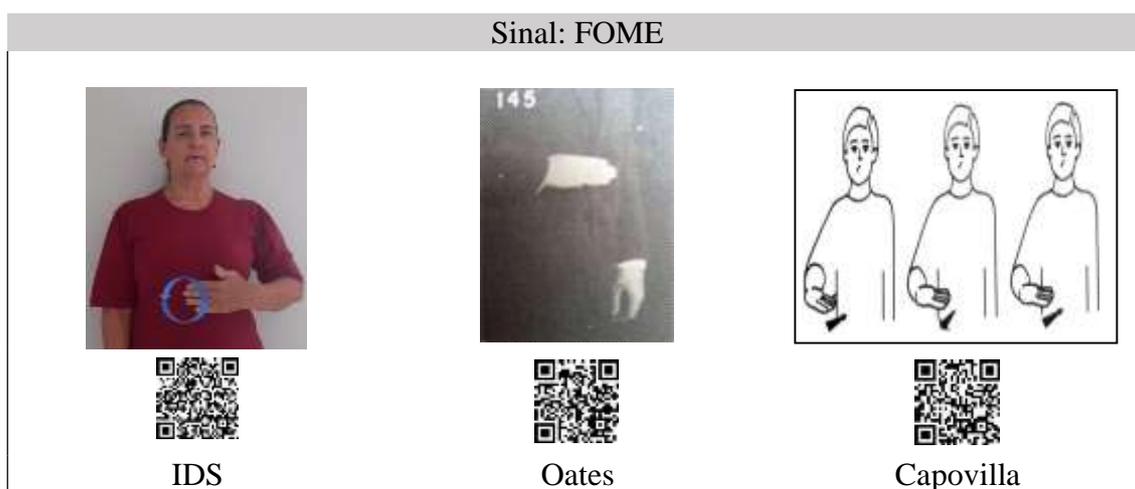


**Figura 76:** Sinal OURO que muda a forma de M em cada dicionário.

Os sinais diferentes com movimento de sinuoso e angular e diferentes posições em cada dicionário.

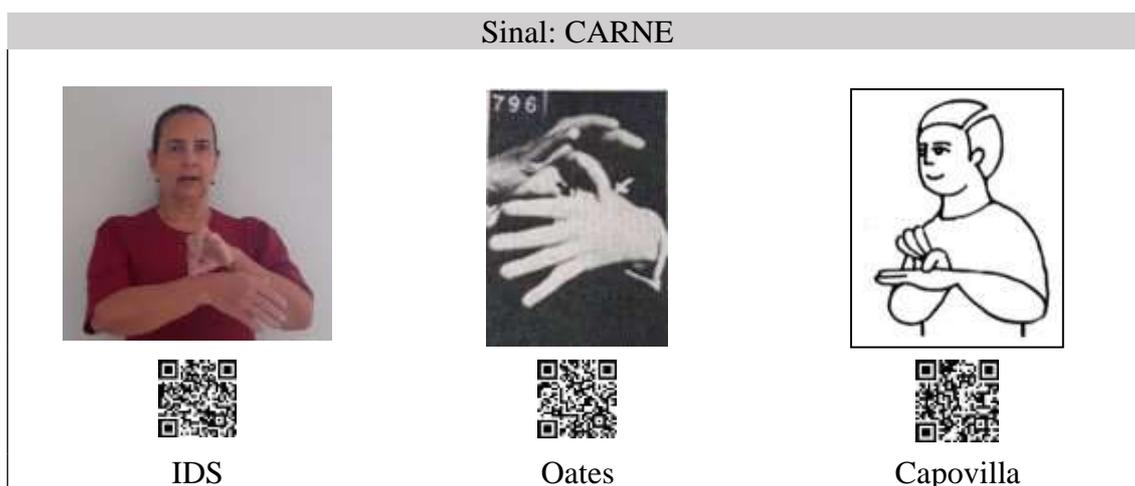
#### 5.1.1.4 Sinais que mudam a forma da OP:

Os sinais são produzidos a direção, os sinais podem ter uma direção e seu oposto pode significar a ideia de oposição, oposição ou concordância de número pessoal como os sinais.



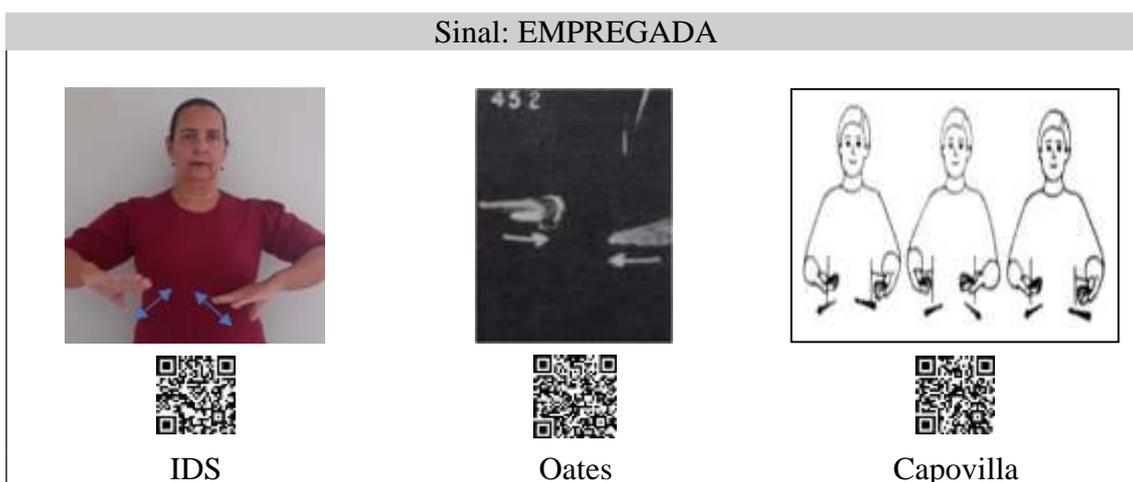
**Figura 77:** A mudança de forma do sinal FOME pela OP em três dicionários.

Observa esta forma de sinal com pouca mudança fonológica em uma mão com orientação de palma.



**Figura 78:** A mudança de forma do sinal CARNE pela OP em três dicionários.

As três formas de mudança da orientação da palma e a mesma configuração de mão com duas mãos.

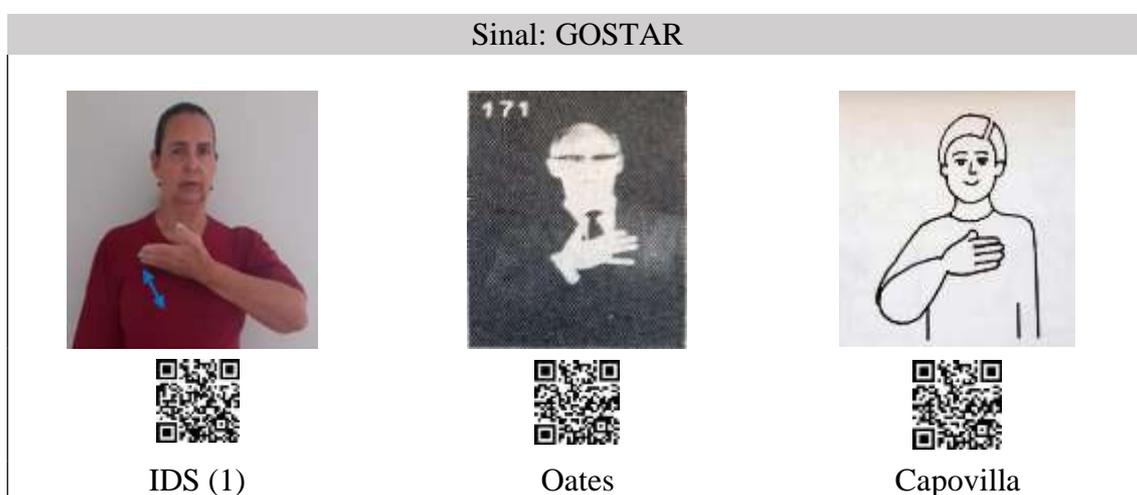


**Figura 79:** A mudança de forma do sinal EMPREGADA pela OP em três dicionários.

Os sinais de orientação de mão mudam pouco de configuração de mãos em duas mãos com orientação de palma.

### 5.1.2 Sinais idênticos:

Na segunda categoria, os sinais consistentemente idênticos são agrupados em três períodos diferentes. Apresentamos três sinais idênticos das estampas de IDS 1, 2 e 3, em comparação com Oates e Capovilla. Veja as figuras 80, 81 e 82 abaixo:



**Figura 80:** O sinal GOSTAR das três formas são a mesma CM e LOC e pouco diferente de movimento de retilíneo.

A comparação Oates com o Capovilla demonstra que os dois apresentam sinais idênticos, sendo a mesma configuração de mão 🖐️ com uma mão direita horizontal aberta, palma para dentro e tocar a palma no centro do peito com sem movimento e IDS sendo

feita com a configuração de mão 🖐️ com uma mão direita horizontal aberta, palma para cima próxima ao peito com movimento retilíneo duas vezes.



**Figura 81:** Sinal ROSA de mudança de forma da primeira e a segunda mesma movimento circular e diferente de CM e a terceira o movimento angular, os três na mesma posição.

O sinal ROSA de Oates e Capovilla são idênticos são feitas com configuração de mão 🖐️, uma mão direita vertical e palma para dentro com a bochecha direita, o movimento de Oates é circular e o movimento de Capovilla é semicircular. E o sinal ROSA de IDS sendo feita com configuração de mão 🖐️, uma mão direita vertical com movimento circular na bochecha direita.



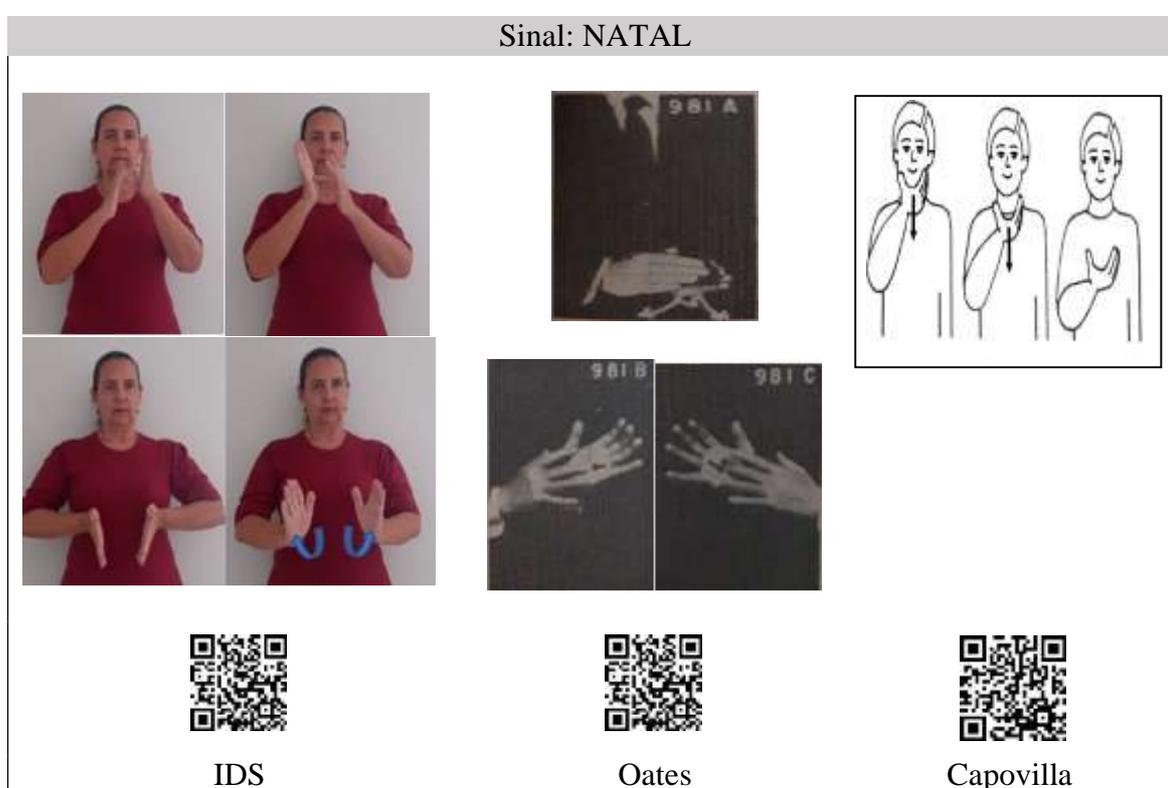
**Figura 82:** Sinal SAL das três dicionário a mesma CM, LOC e M.

O sinal SAL de IDS e Capovilla são idênticos e apresentam a configuração de mão 🖐️ com um dedo indicador ao tocar a ponta da língua e depois mudar a configuração de mão de IDS, sendo feita 🖐️ com esfregar a ponta dos dedos e Capovilla, sendo feita 🖐️

com esfregar a ponta do polegar na ponta do indicador, Oates apresenta o sinal SAL a configuração de mão 🖐 com o dedo indicador ao tocar a ponta da língua e depois mudar a configuração de mão 🖐 com esfregar a ponta dos dedos.

Os três dicionários comparam os sinais idênticos mencionados, o que mostra que esses sinais permaneceram os mesmos em três momentos diferentes. Outros sinais idênticos aparecem em apenas três dicionários e foram modificados fonologicamente ou lexicalmente no outro dicionário.

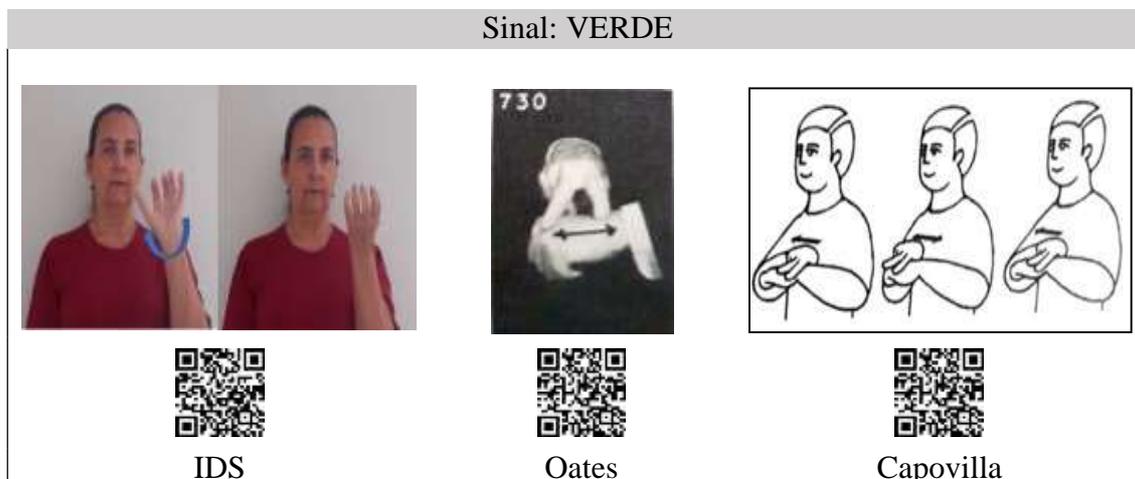
### 5.1.3 Comparação dos sinais de IDS e OATES



**Figura 83:** Sinal NATAL idêntico nos dois primeiros dicionários.

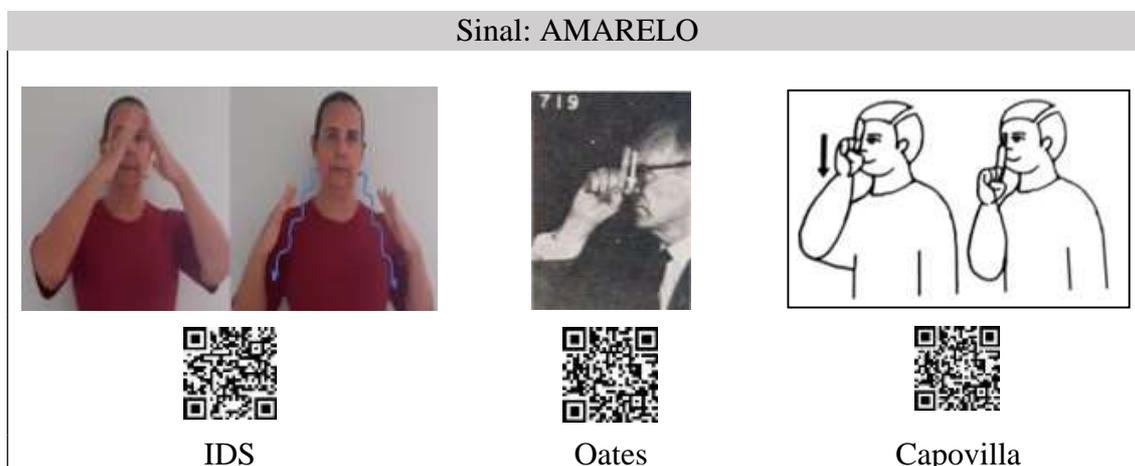
Observe no exemplo da figura 83 que o sinal NATAL era idêntico em ambos os dicionários, tanto IDS quanto OATES, e podemos dizer que no dicionário de CAPOVILLA provavelmente sofreu uma mudança fonológica, mas este é um exemplo típico de um caso limítrofe à mudança fonológica e mudança lexical.

Mostrando outros os sinais VERDE, AMARELO e SÁBADO da IDS, apresenta a mudança fonológica entre OATES e CAPOVILLA. Veja nas figuras 84, 85 e 86:



**Figura 84:** O sinal VERDE idêntico nos dois últimos de dicionários.

A primeira da forma de IDS apresenta o sinal da cor VERDE sendo feita com configuração de mão onde braço e mão direita vertical e dedos abertos e curvados com uma mão em movimento semicircular de ativa e o braço vertical de passiva. O sinal VERDE das duas últimas formas as mesmas configurações de mão e o movimento retilíneo com duas mãos sendo de cima ativa em configuração de mão 🖐️ e a de baixo passiva, e o sinal de IDS diferente das duas últimas formas que utilizam apenas uma mão.



**Figura 85:** O sinal AMARELO idêntico nos dois últimos de dicionários.

A figura 85 expõe as três formas de um sinal: a cor AMARELO. A primeira forma de IDS, com configuração de mão, das duas mãos iguais, onde mãos abertas verticais e dedos separados pouco com os movimentos oscilatórios, movem de cima para baixo e nos dois últimos dicionários são idênticos com configuração de mão de dedo indicador e

movimento retilíneo e o sinal de IDS diferente nos dois últimos dicionários que utilizam com duas mãos.



**Figura 86:** Sinal SÁBADO idênticos nos dois últimos de dicionários.

O sinal SÁBADO, nos dois dicionários, Oates e Capovilla, apresentados, é idêntico, com a mesma configuração de mão, onde há uma mão direita e o movimento de abrir e fechar diante da boca, duas vezes, e o sinal SÁBADO, de IDS com configuração de mão, onde uma mão aberta e dedos fechados e o movimento retilíneo, diante do pescoço, duas vezes, os três dicionários o reproduzem com uma mão.

As formas dos sinais VERDE, AMARELO e SÁBADO foram idênticas nos dois dicionários, de Oates e Capovilla, e os sinais IDS podem ter sofrido mudança fonológica, mas este é um exemplo típico de um caso que está na fronteira de mudança lexical.

#### 5.1.4 As variações diatópicas

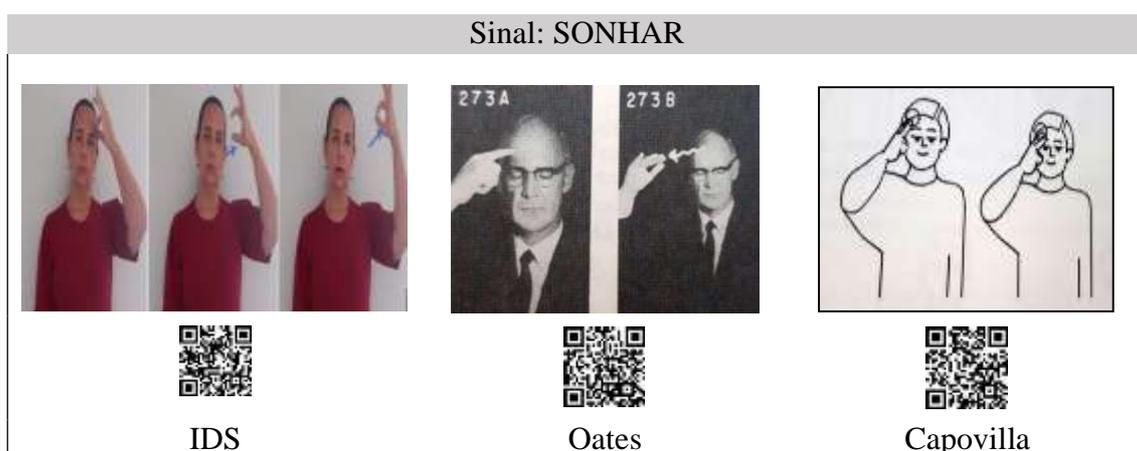
Demonstram as diferenças dos sinais, do ponto de vista geográfico, ou seja, são variações que mostram o regional. Os sinais dos três dicionários que mudam como orientação de palma e mesmo movimento retilíneo.





**Figura 87:** Os três dicionários do sinal SEGUNDA-FEIRA são diferentes e o mesmo conceito.

O sinal SEGUNDA-FEIRA das três formas e a mesma configuração de mão, a primeira e a segunda diferente de uma mão de orientação de palma para frente e outra para trás e a mesma posição de espaço neutro, e a terceira com uma mão de orientação para frente e posição na lateral.



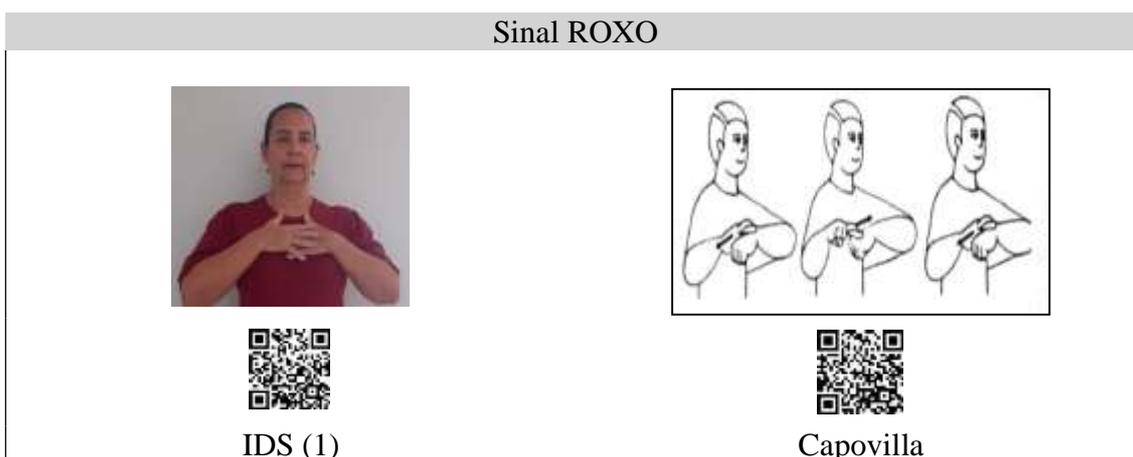
**Figura 88:** Sinal SONHAR das três formas são diferentes e o mesmo conceito.

O sinal de SONHAR das três formas de uma mão de configuração de mão diferente e o tipo de movimento diferente em cada.

### 5.1.5 As variações diacrônicas

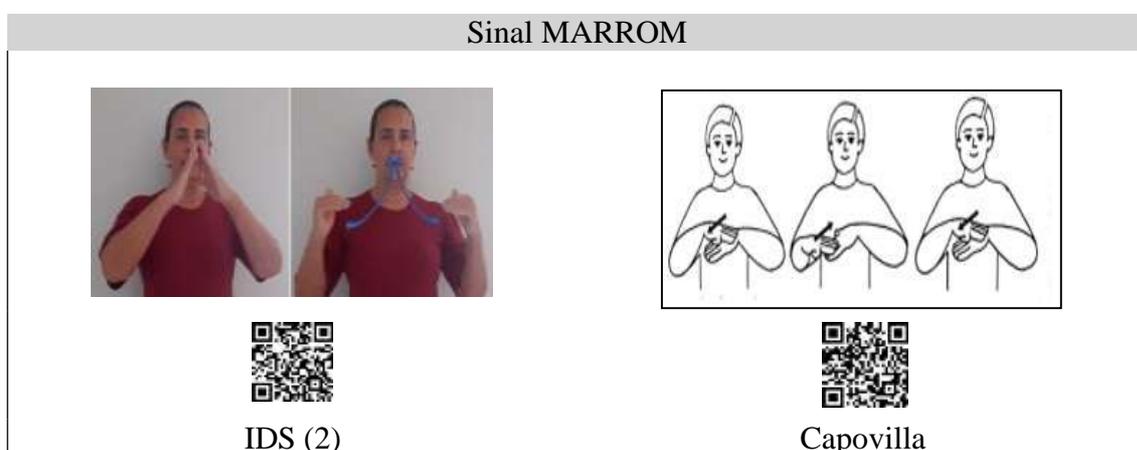
O conceito de diacronia vem das palavras "diá" e "khrónos", tempo significando através do tempo, o termo se refere a uma sequência de eventos ao longo do tempo. A diacronia é frequentemente combinada com a análise dos fenômenos sociais de acordo com suas diferentes fases históricas. Os sinais como ROXO, MARROM, MENTIRA e BRINCAR são feitos pelo IDS no longo do tempo e os sinais de Capovilla transformados novos sinais. Veja as figuras 89, 90, 91 e 92 abaixo:

Mudança dos sinais antigo e atual:



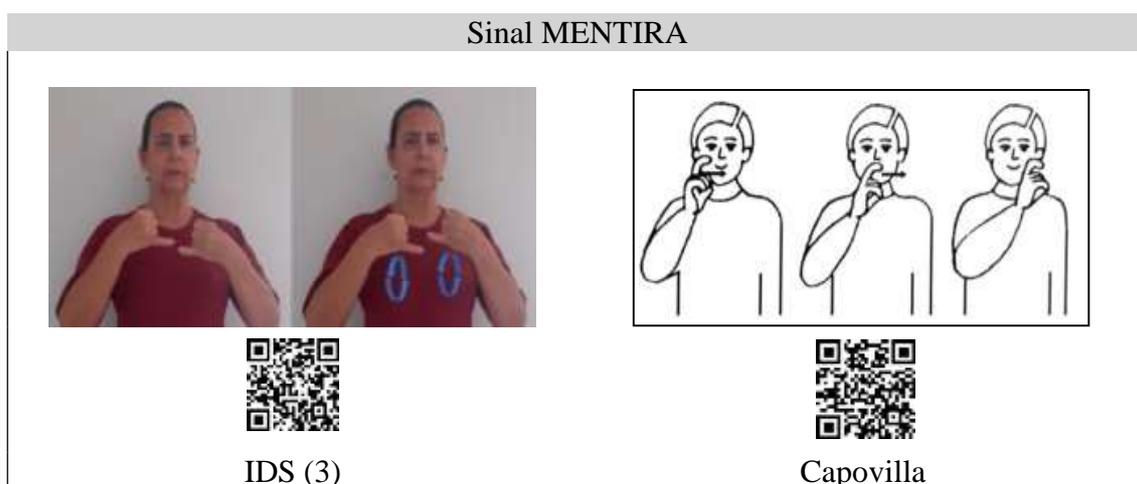
**Figura 89:** Sinal: ROXO.

O sinal de roxo (1) mostra o sinal que representa o conceito de mortuária com a cor roxa.



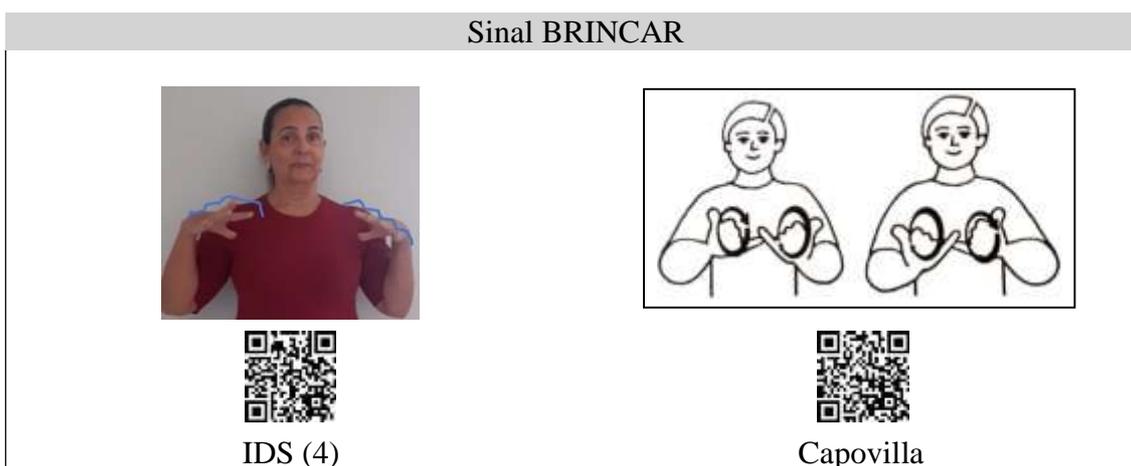
**Figura 90:** Sinal: MARROM.

O sinal de marrom (2) representa o conceito de telhado de casa na cor marrom.



**Figura 91:** Sinal: MENTIRA.

O sinal de mentira (3) representa a sinalização de enrolar a língua como a mentira.



**Figura 92:** Sinal: BRINCAR.

O sinal de brincar (4) representa o conceito de brincar como os meninos brincam.

Os sinais das formas de IDS 1, 2, 3 e 4 mudam com o tempo e transformam-se para os novos sinais das formas de Capovilla. Os sinais de Libras podem ter mudado de forma por motivos definidos pela própria linguística.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi feita por entrevista com os surdos do IDS e apresentou um estudo descritivo sobre a mudança fonológica e lexical na Libras. Concluímos evidenciando que, assim como as outras línguas, esta também perpassa pelo processo da mudança diacrônica. Através dessa pesquisa, também, conseguimos resgatar, através de dicionários e documentos históricos, uma parte da história da evolução da Libras.

Foi desenvolvido o levantamento da pesquisa durante a análise comparativa dos sinais coletados em três épocas distintas, sinais estes que foram levantados, descritos e classificados em três categorias de sinais: os sinais idênticos, os sinais em mudança fonológica e os sinais em mudança lexical do mesmo significado. Nesta classificação, não se conseguiu definir os limites entre as mudanças fonológica e lexical, pois há alguns casos, em que ocorre o fato de serem confundidos, devido à iconicidade dos sinais. Foram estudados os sinais de duas últimas categorias que tendem à mudança à arbitrariedade no processo da formação, por consequência das restrições fonológicas que limitam a produção de sinais por meio das propriedades manuais e visuais na Libras.

Durante a análise, foram encontrados barreira de estudo de descrição e entendimento, devido à nitidez e ao movimento dos desenhos e das fotos, à organização lexicográfica, os sinais e seus significados a partir do contexto, as descrições verbais dos sinais, por meio de GLOSA e as entradas dos sinais como a forma de menção. Assim, criamos critérios para minimizar os problemas, dispensando alguns sinais através de procedimentos metodológicos e soluções para continuar esta pesquisa.

Com os resultados finais da análise, percebemos que esta parte da história ocorreu ao longo dos três séculos num processo da mudança em tempo real. Em vista disso, conhecemos os sinais que não são mais usados por falantes surdos, e identificamos sinais inovadores, sinais em mudança fonológica e os sinais idênticos. Na parte dos sinais em mudança, nos levam a perceber que alguns sinais, que antes possuíam um alto grau da iconicidade, por causa de restrições fonológicas passaram a ser sinais arbitrários. Esta mudança contribui na constituição e expansão das línguas de sinais. Quanto às restrições fonológicas, que se referem às restrições físicas, visuais e do espaço da sinalização, desde que se tenha o conforto linguístico, articulatório e a maior acuidade visual, garante-se a qualidade da interpretação e do tempo.

Além destes fatores, mostramos outros da história externa, percebendo possíveis fatores socioculturais que influenciaram no processo da mudança histórica da Libras, o preconceito linguístico, a influência da Língua Portuguesa na estrutura da Libras, o bilinguismo e o empréstimo linguístico. Também foi realizada a análise de discussão no qual se inserem as questões que nos levam a refletir a influência da Língua Portuguesa, a influência dos falantes ouvintes na Libras, a produção lexicográfica de dicionários de sinais quando se desconhecem as línguas de sinais, o contato contínuo dos falantes surdos com os ouvintes, a discriminação ouvinte e a insegurança linguística dos falantes surdos sobre a Libras.

Este estudo descritivo realizado contribui para as descobertas linguísticas sobre Libras, assim como, no reconhecimento da estrutura linguística e do processo da mudança histórica da Libras. Ainda há as limitações para nosso conhecimento, que nos mostra a complexidade da pesquisa histórica da língua e que, estes dicionários são apenas um pequeno pedaço para reconstrução da história da Libras no decorrer de seu processo da mudança até hoje.

Concluir que, com o método desenvolvido a partir dos procedimentos metodológicos e das soluções, trabalhamos nesta seção a análise comparativa na primeira etapa, levando e comparando as formas de sinais para distribuí-las na classificação das três categorias de sinais. As entradas das formas de sinais nestes três dicionários que permaneceram as mesmas até os dias de hoje são classificadas como sinais idênticos. As entradas das formas de alguns sinais que sofreram mudança fonológica são classificadas como sinais em mudança fonológica. As entradas das formas de sinais que sofreram mudança lexical, com mesmo significado, são sinais em mudança lexical com o mesmo significado.

## REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. A. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRITO, L. F. et. al. *Língua Brasileira de Sinais-Libras*. In: \_\_\_\_\_. (Org.) BRASIL, Secretaria de Educação especial. Brasília: SEESP, 1998.

BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempos Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

CAPOVILLA, F. C. [et al.]. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas Mãos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

CASTRO JÚNIOR, G. *Projeto Varlibras*. 259f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CASTRO JÚNIOR, G. *Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico*. 2011, 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

COELHO, I. Sociolinguística. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2010.

COSTA, M. A. Estruturalismo. In: Mário Eduardo Martelotta. (Org.). *Manual de Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2010.

CRYSTAL, D. *Pequeno tratado sobre a linguagem humana: grandes conhecimentos para a vida*. Tradução: Gabriel Perissé. São Paulo: Saraiva, 2012.

DANTAS, C. R. S. *Variações linguísticas em Libras: um estudo das variações diatópicas das cidades de Macaé e Rio de Janeiro*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem – PGCL. Campos dos Goytacazes, 2018.

Decreto Estadual nº 26.547, de 29 de março de 2004, que criou o Centro de Apoio ao Surdo - CAS.

\_\_\_\_\_ nº 28.587, de 11 de fevereiro de 2015, institui as salas regulares bilíngues para surdos na rede municipal de ensino do Recife.

DINIZ, H. G. *A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais* / [Heloise Gripp Diniz]. – Petrópolis: Arara Azul, 2011.

DUARTE, A. S. Empréstimos linguísticos da língua brasileira de sinais – LSB. *Diálogos*. 2013. Ano 1, nº 1. Disponível em: [2687-Texto do Artigo-8316-1-10-20150731.pdf](#). Acesso em: 19 de dezembro de 2021. Educação especial. Brasília: SEESP, 1998.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. *Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica*. 290f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FELIPE, T. A. *Libras em contexto: Curso básico. Manual do professor/instrutor*. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC, SEESP, 2001.

GAMA, F. J. *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*. Rio de Janeiro, RJ: Tipographia Universal. 1875.

Gesser, A. (2006). “Um olho no professor surdo e outro na caneta”: Ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. Tese de doutorado inédita, Campinas: Unicamp.

GESSER, A. *LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2009.

JANSON, T. *A história das línguas: uma introdução?* Tore Janson; tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2015.

LABOV, W. *Sociolinguística: uma entrevista com William Labov*. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LEI Municipal nº 16.918, de 28 de novembro de 2003 que reconhece oficialmente, no Município do Recife, a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e outros recursos de expressão a ela associados, como língua de instrução e meio de comunicação objetiva e de uso corrente da comunidade surda.

\_\_\_\_\_ nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)>.

\_\_\_\_\_ nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências.

\_\_\_\_\_ nº 16.529 de 05 de novembro de 1999 do Município de Recife.

\_\_\_\_\_ nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

\_\_\_\_\_ nº 11.686, de 18 de outubro de 1999. Reconhece oficialmente no Estado de Pernambuco, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente, a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, e dispõe sobre a implantação desta como língua oficial na Rede Pública de ensino para surdos.

LYONS, J. *Linguagem e linguística*. Rio: Zahar, 1987.

MACHADO, V. L. V. *Análise da Variação Querológica em Traduções de Materiais do EaD Letras-Libras (UFSC)*. 2016. Dissertação (Mestrado em Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. 2. ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013.

OATES, E. *Linguagem das Mãos*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora S.A. COLTED, 1969.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. de. *Curso de Libras 1*. Rio de Janeiro: LSB vídeo, 2006.

QUADROS, R. M. de. *Libras*. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. São Paulo: Artmed, 2007. 221 p. (Biblioteca Artmed. Lingüística).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bailly & Albert Sechehaye et avec la collaboration de Albert Riedlinger. Paris, Payot, 1931 [1ª ed. 1916].

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein 7.ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: CuItrix, 2006.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SOUSA, E. M. T. de. *Falando e ouvindo com as mãos: a atenção à comunidade surda no Recife*. 2021. Dissertação (Mestrado profissional em História). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2021.

STOKOE, W.C. *Sign Language Structure: Na Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*. Studies in linguistics: Occasional Papers, v. 8. New York: Buffalo University, 1960.

STROBEL, K. *História da educação de surdos*. Letras Libras-UFSC. Florianópolis-SC. 2009. (Material disciplina Letras/Libras).

STROBEL, K; FERNANDES, S. *Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais*. Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

## ANEXO

Para citar as configurações de mão utilizadas nos exemplos ao longo do texto, retiramos as imagens dessas configurações da tabela apresentada na terceira edição do livro Curso de LIBRAS - 1, de Nelson Pimenta e Ronice Muller de Quadros (2008, p. 73), reproduzida a seguir.



	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM Pró - Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação	
---	--	---

### QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados serão utilizados para pesquisa e elaboração de Dissertação de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem/PROGEL. Não é necessária à sua identificação.

**PROJETO DE PESQUISA: Mudança Linguística da Libras em Recife.**

Pesquisadora responsável: **Leane Pereira Cordeiro**

Matrícula: 200728579

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem/PROGEL-CPPGSC

Leane.cordeiro@ufrpe.br

Cel.: (81) 99930.1807

CEP.: 50721-775

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcela Moura Torres Paim

Professora - Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

E-mail: marcela.paim@ufrpe.br

Coorientadora da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Silva Resende da Nóbrega

Professora – Universidade Federal da Paraíba - UFPB

E-mail: [profcarolinanobrega@gmail.com](mailto:profcarolinanobrega@gmail.com)

Prezado participante,

O objetivo da minha pesquisa é analisar e descrever a Língua Brasileira de Sinais -- Libras.

Peço a gentileza de preencher este questionário, respondendo em língua portuguesa as perguntas nele contidas. Eu acompanharei o preenchimento e, em caso de dúvida, o(a) senhor(a) poderá se dirigir a mim para qualquer esclarecimento. Declaro que, conforme o conteúdo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os resultados serão apresentados apenas no seu conjunto, sem identificação de qualquer um dos participantes.

**Dados Pessoais**

1. Nome (opcional): \_\_\_\_\_

2. Idade: \_\_\_\_\_

3. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

4. Em que cidade/região você mora? \_\_\_\_\_

5. Qual o seu grau de surdez?

( ) leve ( ) profunda

( ) moderada ( ) unilateral ( ) bilateral ( ) severa

6. Quando você ficou surdo (a)?

( ) nasceu surdo (a)

( ) tornou-se surdo (a) com a idade de \_\_\_\_ anos. Causa: \_\_\_\_\_

7. Você usa aparelho auditivo? ( ) sim ( ) não

Em caso afirmativo, você usa o aparelho constantemente? ( ) sim ( ) não

O aparelho ajuda você a ouvir a fala das pessoas? ( ) sim ( ) não

8. Você só trabalha ou estuda? \_\_\_\_\_

Se você trabalha, qual é a sua função? \_\_\_\_\_

**Dados Linguísticos**

1. Quando você aprendeu LIBRAS? \_\_\_\_\_

2. Em que lugar você aprendeu LIBRAS?

( ) Casa ( ) Escola ( ) Trabalho ( ) Outros: \_\_\_\_\_

3. Você acha que conhece bem a LIBRAS? ( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos

4. Qual a língua que você mais usa?

( ) LIBRAS ( ) Português Oral ( ) Português-Por-Escrito

5. Sua família fala a LIBRAS? ( ) sim ( ) não ( ) às vezes

6. Você ainda usa os sinais antigos?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7. Você prefere os sinais antigos ou atuais?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

8. Qual é mais fácil a comunicar o sinalizado atual ou antigo? Porque?

---

---

---

Agradeço muito a sua colaboração!

LEANE PEREIRA CORDEIRO